

**COLÉGIO PEDRO II**

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,  
EXTENSÃO E CULTURA**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS  
SOCIAIS  
E EDUCAÇÃO BÁSICA**

**DIEGO DA COSTA NAKAMURA VIVAS**

**“VIVEMOS PARA O ESTUDO?”**

Dinâmicas de acolhimento e exclusão no Colégio Pedro II

Rio de Janeiro  
2021



**DIEGO DA COSTA NAKAMURA VIVAS**

**“VIVEMOS PARA O ESTUDO?”**

Dinâmicas de acolhimento e exclusão no Colégio Pedro II

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de monografia apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Educação Básica, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ciências Sociais e Educação Básica.

Orientadora Professora Dra. Tatiana Bukowitz

Rio de Janeiro  
2021

**COLÉGIO PEDRO II**

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**

**BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**

**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

V856 Vivas, Diego da Costa Nakamura  
Vivemos para o estudo? : dinâmicas de acolhimento e exclusão no  
Colégio Pedro II / Diego da Costa Nakamura Vivas. – Rio de Janeiro, 2021.

67 f.

Trabalho de Conclusão de Curso no formato de Monografia  
(Especialização em Ensino de Ciências Sociais e Educação Básica) –  
Colégio Pedro II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e  
Cultura.

Orientador: Tatiana Bukowitz.

1. Ciências Sociais - Estudo e ensino. 2. Colégio Pedro II. 3. Exclusão  
social. 4. Acolhimento. 5. Prática escolar. I. Bukowitz, Tatiana. II. Título.

CDD 300

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 – 5692.

**DIEGO DA COSTA NAKAMURA VIVAS**

**“VIVEMOS PARA O ESTUDO?”**

Dinâmicas de acolhimento e exclusão no Colégio Pedro II

Trabalho de Conclusão de Curso no formato de monografia apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Educação Básica, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ciências Sociais e Educação Básica

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Dra. Tatiana Bukowitz (Orientadora)  
ECSEB - CPII

---

Dra. Valéria Lopes Peçanha  
ECSEB - CPII

---

Dra. Alessandra Pio Silva  
UFRN

Rio de Janeiro  
2021

Dedico este trabalho aos educadores e educadoras que, através do constante diálogo com seus estudantes, fazem da educação uma ferramenta coletiva contras as desigualdades.

## AGRADECIMENTOS

Tantos nomes, tantas pessoas, tantas realidade diferentes que juntas me possibilitaram chegar até aqui.

Como agradecer a tantos sem cometer o equívoco de esquecer alguém?

Agradeço aos meus pais, Vera e Roberto, por terem me permitido chegar até aqui, apesar de todos os desafios encontrados ao longo do percurso.

A todos os professores e professoras que passaram pela minha trajetória escolar e acadêmica, que me inspiram e me instigam a sempre aprender mais.

A minha família carioca (Maria Teresa, Luan e Wallace Silva) que me acolheu com tanto amor e carinho, permitindo que eu continuasse sonhando.

Agradeço ao companheiro de vida, folia e quarentena, Bruno Bernardino, por estar do meu lado nos momentos mais importantes e pelo apoio durante a caminhada.

A Iara e Paulo Andrade pela confiança e pelo carinho de sempre, é muito gratificante tê-los como participantes de minha história e, portanto, dessa jornada.

A Tatiana Bukowitz pelo olhar delicado e dialógico, por todo suporte e, principalmente, por me fazer lembrar o quanto é importante e prazeroso trabalhar com quem nos identificamos e admiramos.

A Maria Cristina Galvão pela força, sutileza e paixão pela educação. Muito obrigado por compartilhar comigo sua dissertação de mestrado em mãos e por toda atenção dispensada com detalhes da pesquisa. Fico feliz de ter no referencial teórico pesquisadoras tão fortes comprometidas e dedicadas quanto você.

A Alessandra Pio e Valéria Lopes professoras/pesquisadoras que compuseram a Banca Avaliadora e realizaram pesquisas muito importantes para a feitura deste trabalho. Agradeço também pela disponibilidade e pela coragem de participarem do desafio de uma banca de TCC no contexto pandêmico atual e com tão pouco tempo viável.

A todos os integrantes do Coletivo En La Barca Jornadas Teatrais, pelo acolhimento, pela luta cotidiana e pelo aprendizado coletivo. Em especial à amiga Anna Fernanda e o companheiro Bruno Peixoto que, mesmo em um curto tempo de parceria e trabalho, possibilitaram lançar um olhar mais profundo para a prática e vida de Paulo Freire, o que ampliou minhas pesquisas e experimentações acerca das Artes e da Educação.

A todos servidores e todas servidoras, bem como estudantes e ex-estudantes do Colégio Pedro II, que colaboraram para a identificação e o entendimento sobre as dinâmicas acolhedoras e excludentes presentes nas trajetórias estudantis dentro da instituição.

Sem vocês nada disso seria possível!

Ao Colégio Pedro II por toda formação que me foi oferecida na Especialização e por ter me apresentado tantos profissionais comprometidos com a educação, além dos colegas de turma que, a partir de suas vivências pessoais, puderam somar muito durante todo esse processo.

E finalmente a todos, todas e todes estudantes que fizeram e fazem parte da minha trajetória enquanto educador, pois estão sempre me incentivando na busca de novas formas de aprender e ensinar.

*“Ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica”.* (FREIRE, 2013)

VIVAS, Diego da Costa Nakamura. **“Vivemos para o estudo?”**: Dinâmicas de acolhimento e exclusão no Colégio Pedro II. 2021. 67 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Sociais e Educação Básica) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2021.

## RESUMO

O texto apresentado busca suscitar reflexões acerca das dinâmicas de acolhimento e exclusão presentes nas trajetórias estudantis do Colégio Pedro II. Os apontamentos foram realizados através de uma perspectiva sociológica de análise e partiram de observações feitas no “chão da escola”, durante o período de formação no curso de pós-graduação, através de conversas informais e agendadas com estudantes, ex-estudantes e servidores da instituição. Tem como base os estudos de Pierre Bourdieu e sua noção de capital cultural, além de revisões bibliográficas de pesquisas que se debruçaram sobre as trajetórias de estudantes do colégio. Pretende identificar os processos institucionalizados no interior do Colégio Pedro II que demonstram um caráter ambíguo, a partir de dinâmicas de acolhimento e exclusão que afetam as trajetórias estudantis. Dessa forma, entende-se que o acesso a essa tradicional instituição de ensino não parece ser sinônimo de sucesso escolar, o que revela a necessidade de um olhar mais profundo para a dicotomia acolhedora e excludente institucionalizada no interior do colégio.

**Palavras-chave:** Colégio Pedro II; exclusão social; acolhimento institucional; práticas escolares

## **ABSTRACT**

The monography seeks to provoke reflections about dynamics of reception and exclusion presented within student's trajectories of Colégio Pedro II. The appointments were made in a sociological perspective, from observations during the postgraduate studies and by informal and scheduled conversations with students, ex-students and serves from the institution. It is based on Pierre Bourdieu's studies and his concept of "cultural capital", besides literature reviews of researchers that studied about students trajectories at this school. The text aims to identify the institucionalized processes that takes place inside the school, revealing an ambiguous character that welcomes and excludes students along the school path. In this sense, to access this traditional educational institution is not synonym of school success, demonstrating the importance of a deeper look at the institucionalized welcoming and excluding dichotomy within the school.

**Keywords:** Colégio Pedro II; social exclusion; institutional reception; school practices

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>VIVEMOS PARA O ESTUDO? .....</b>	<b>14</b>
<b>2.1</b>	<b>Educação e desigualdade.....</b>	<b>14</b>
<b>2.2</b>	<b>Hino dos Alunos do CPII.....</b>	<b>18</b>
<b>2.3</b>	<b>Uma escola tradicional.....</b>	<b>24</b>
<b>2.4</b>	<b>Formas de ingresso.....</b>	<b>29</b>
<b>3</b>	<b>O NOVO VELHO CPII .....</b>	<b>32</b>
<b>3.1</b>	<b>Proposta político-educacional .....</b>	<b>32</b>
<b>3.2</b>	<b>Dinâmicas de acolhimento .....</b>	<b>35</b>
<b>3.3</b>	<b>Dinâmicas de exclusão .....</b>	<b>41</b>
<b>4</b>	<b>POR DENTRO DO CPII .....</b>	<b>48</b>
<b>4.1</b>	<b>"Não é normal CP2" .....</b>	<b>48</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>55</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>57</b>
	<b>ANEXO A – QUESTIONÁRIO DISCENTE – <i>CAMPUS</i> CENTRO .....</b>	<b>61</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo identificar as dinâmicas de exclusão e acolhimento que permeiam as trajetórias escolares de estudantes do tradicional Colégio Pedro II. Instigados pelos estudos, debates e discussões sobre a prática docente na Educação Básica propostos em sala de aula, ao longo de todo o curso da Pós-Graduação em Ciências Sociais e Educação Básica, nos debruçamos sobre trabalhos acadêmicos e documentos elaborados pelo colégio para compreender como tais dinâmicas afetam a trajetória de estudantes dessa renomada instituição pública de ensino.

Os apontamos feitos aqui são frutos de uma análise sociológica que tem como base o “chão da escola”, através de observações realizadas durante toda a nossa formação no curso de pós-graduação, bem como a partir de conversas informais e agendadas com ex-estudantes, estudantes e servidores da instituição de ensino analisada.

Acreditamos ser de grande relevância destacar dois fatores essenciais que despertaram o interesse pela temática: o primeiro está relacionado à minha formação escolar ter sido realizada integralmente na rede pública de ensino, o segundo se deve à influência do próprio Curso de Pós-Graduação, ofertado no *Campus* Centro.

Nesse espaço, foram levantadas inúmeras problematizações acerca da educação e da importância da escola pública como ferramenta de transformação na sociedade, a partir de um ensino crítico da realidade social.

Por isso, ressaltamos que a experiência que nos foi proporcionada, ao longo de toda a especialização ofertada pelo Colégio Pedro II, foi de extrema importância para o nosso enriquecimento intelectual e humano. Destaque para os professores da instituição e para os colegas de curso, além da estrutura arquitetônica do *campus* Centro, que revela sua herança e imponência histórica, inspirando novas gerações de estudantes.

É preciso mencionar também que o conhecimento proporcionado por esta especialização acadêmica, bem como as demandas e apontamentos feitos por alguns colegas durante o processo de formação, nos levaram a questionamentos acerca das trajetórias dos demais estudantes do colégio, aqueles que estão no âmbito da educação básica.

Assim, podemos afirmar que os debates iniciados nas salas de aula durante o curso de especialização, culminaram na elaboração desse trabalho acadêmico e das indagações feitas a seguir.

As dificuldades que encontramos ao longo de nossa formação foram diversas e variadas, principalmente em uma turma de trabalhadores, sendo grande parte atuante no magistério público e/ou privado. Todavia, ao levar em conta as particularidades de um estudante/trabalhador, o corpo técnico e docente do curso sempre se sensibilizou, buscando soluções para os problemas que surgiam ao longo de todo o percurso acadêmico.

Nesse sentido, considerando a nossa trajetória enquanto estudantes da especialização do Colégio Pedro II e a experiência pessoal de ter tido uma formação feita integralmente na rede pública, algumas questões apareceram diante da necessidade de produzir um trabalho monográfico.

Tais como: Quais são as dificuldades presentes nas trajetórias de estudantes da educação básica dessa tradicional instituição de ensino? Como funcionam os mecanismos internos de seleção que acolhem alguns estudantes em detrimento da exclusão de outros?

Visando responder essas e outras indagações, utilizamos como base metodológica a revisão bibliográfica de produções acadêmicas que lançam luz sobre dinâmicas de acolhimento e exclusão presentes nas trajetórias de estudantes do Colégio Pedro II.

Utilizamos o termo “dinâmicas” para tratar dos processos e práticas que excluem e acolhem estudantes ao longo de suas trajetórias escolares na instituição de ensino. Tais dinâmicas foram identificadas com base nos trabalhos dos seguintes pesquisadores e suas respectivas temáticas acerca do Colégio Pedro II.

No que tange às questões raciais no colégio, nos calcamos nos trabalhos de Coutinho, Arruda e Oliveira (2021); Pio (2017, 2020, 2021); Hermes, Rodrigues, Santana e Lima (2017); Bastos (2014, 2017); Couto (2016); Silva (2015). Para tratar das desigualdades de gênero e sexualidade utilizamos as pesquisa de Julio (2017); Silva e Oliveira (2017); Rocha, Simas e Vargas (2017); Cerdera e Lima (2017).

Para compreender a ação dos estudantes na ressignificação das práticas escolares utilizamos as pesquisas de Peçanha (2018, 2021). Cardoso (2014) nos ajuda no entendimento acerca dos símbolos institucionais do colégio e como os mesmos são apropriados pelo corpo discente, de modo a transformá-los.

Em relação a algumas dinâmicas de acolhimento institucionalizadas no interior do colégio nos embasamos em Farah e Rosa (2017), bem como nos trabalhos de Galvão

(2003, 2009) para entender a história de prestígio do colégio e sua associação com a origem social dos estudantes.

Ao relacionar desempenho escolar à origem social dos estudantes, nos valem do conceito de capital cultural de Pierre Bourdieu (1998), com o objetivo de identificar os mecanismos internos de seleção existentes no Colégio Pedro II e anteriormente apontados por Galvão (2003, 2009).

O conceito elaborado pelo autor nos ajuda a entender como as instituições de ensino de excelência demandam um conhecimento anterior à própria escola, o que faz com que estudantes oriundos das classes populares tenham maior dificuldade ao longo de sua formação escolar.

A monografia está dividida em três capítulos principais, além da introdução e das considerações finais, momento em que faremos os últimos apontamentos acerca da temática, não com um objetivo conclusivo, de finalizar a pesquisa, mas como forma de suscitar novos debates e de propor outras investigações dentro do colégio com foco na percepção dos estudantes.

A pergunta que norteia o capítulo inicial e que foi utilizada como o título para o mesmo, faz referência a uma crítica ao Hino dos Alunos do Colégio Pedro II, elaborada por uma estudante do colégio e publicada em uma rede social. Nele inferimos a necessidade de pensar a educação e as instituições educacionais como frutos de processos históricos e que, por esse motivo, estão totalmente relacionadas às necessidades e interesses dos indivíduos em suas respectivas temporalidades.

Também apresentamos o Colégio Pedro II através do Hino dos Alunos e de sua trajetória histórica, abordando as diferentes formas de ingresso nesta instituição de ensino ao longo dos anos.

O segundo capítulo problematiza o colégio na atualidade a partir da análise dos pressupostos teórico-filosóficos do Projeto Político Institucional, sua missão e seus objetivos. Além de identificar as dinâmicas de acolhimento e exclusão na trajetória de estudantes do colégio, tendo como base os autores e as autoras mencionados acima.

O terceiro capítulo está voltado para o entendimento com base no “chão da escola” e tem a página virtual “Não é normal CP2” como principal objeto de análise para entender as demandas estudantis, já que não foi possível aplicar o questionário elaborado como principal fonte primária para essa pesquisa<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Tínhamos como planejamento inicial a aplicação de um questionário qualitativo com estudantes do *campus* Centro para entender suas percepções acerca das dinâmicas acolhedoras e excludentes presentes

Através da página criada no *Facebook*, em 2017, os estudantes do Colégio Pedro II denunciam violências e opressões vivenciadas no ambiente escolar, nos ajudando a identificar algumas dinâmicas excludentes no processo de escolarização do colégio.

Por fim, apresentamos as considerações finais do trabalho e apontamos possíveis caminhos para que o colégio possa fortalecer as dinâmicas de acolhimento em detrimento daquelas que excluem e dificultam a permanência dos estudantes nessa tradicional instituição de ensino.

Acreditamos que quaisquer medidas tomadas pela instituição devem estar em consonância com as demandas do corpo discente. Para isso, é importante dar voz aos estudantes do colégio, permitindo e fomentando a produção acadêmica que tenha como foco a percepção dos mesmos, o que dialoga com a obra “Pode o subalterno falar?”, de Gayatri Spivak.

## **2 VIVEMOS PARA O ESTUDO?**

### **2.1 Educação e desigualdade**

A educação é inerente ao ser humano e à vida em sociedade, pois estamos sempre aprendendo e ensinando. Não há sociedade sem educação e ambas estão inseridas no conflito de classes que influencia diretamente as oportunidades educacionais, direcionadas para os indivíduos segundo sua posição social.

A educação, por sua vez, não é unitária e pode ocorrer em espaços formais e informais, já que não existe um único lugar em que as pessoas se educam e são educadas, mas uma infinidade de espaços educativos como a família, a igreja, o trabalho, a rua, as artes, a escola.

Compreendemo-la como um processo não harmonioso, determinado pelas relações sociais de produção, que fazem do mundo ocidental um lugar conflituoso. Permeado de lutas sociais que influenciam o processo educacional e as diversas teorias

---

no processo de escolarização do colégio. Por acreditar na relevância do conteúdo do questionário discente e para registrar nossa vontade em aplicá-lo, o documento em questão poderá ser consultado nos anexos desse trabalho. Vale ressaltar que o questionário foi pensado em conjunto com a orientadora Tatiana Bukowitz, com base nos dados do perfil discente divulgado no site do colégio, e permitiria que pudéssemos cruzar dados sobre origem e contexto socioeconômico e cultural com o desempenho escolar, além de produzir um registro das vivências dos estudantes na instituição. Um dos principais motivos para a sua não aplicação foi o período de exceção causado pela pandemia de covid-19, o qual dificultou os trâmites com o Comitê de Ética do colégio e o acesso aos estudantes.

educacionais, desde as teorias não-críticas à concepção materialista histórico-dialética, que problematiza a realidade concreta a partir das condições materiais de existência.

Nesse sentido, a escola na sociedade ocidental esta inserida em um mundo dividido em classes e se estrutura enquanto a principal instituição responsável pela transmissão do conhecimento formal, sendo uma ferramenta essencial para a manutenção do sistema democrático instituído pela classe burguesa. No entendimento de Saviani (2018), “converter súditos em cidadãos” teria sido o principal objetivo da criação do sistema escolar, após a ascensão da burguesia.

Trata-se, pois, de construir uma sociedade democrática, de consolidar a democracia burguesa. Para superar a situação de opressão, própria do “Antigo Regime”, e ascender a um tipo de sociedade fundada no contrato social celebrado “livremente” entre os indivíduos, era necessário vencer a barreira da ignorância. Só assim seria possível transformar os súditos em cidadãos, isto é, em indivíduos livres porque esclarecidos, ilustrados. (SAVIANI, 2018, p. 5)

Entretanto, partindo de uma lógica cunhada pelo capital, em que as desigualdades são naturalizadas e necessárias para a manutenção do sistema, seria equivocado pensar que todos os estudantes têm as mesmas oportunidades, podendo se dedicar integralmente aos estudos formais. Ao contrário, cabe destacar que poucos são aqueles que de fato podem “viver para os estudos”, como está posto na letra do Hino dos Alunos do Colégio Pedro II.

Para compreender o sistema escolar hoje é preciso contextualizá-lo na realidade ocidental, que atualmente tem se voltado cada vez mais para o capital e suas ideologias neoliberais, delegando para o indivíduo toda a responsabilidade em relação ao seu desempenho escolar.

Como afirma Gaudêncio Frigotto (1989), não podemos desconsiderar que a prática educativa é contraditória, pois está inserida em uma sociedade de classes, marcada por interesses antagônicos de grupos dominantes e dominados.

Cabe enfatizar, como pontua Paulo Freire (2013), que a educação não é “neutra”, portanto, é preciso compreender o espaço escolar enquanto uma instituição estruturada a partir de determinadas condições materiais e em um contexto histórico específico, que reverbera as contradições da própria sociedade.

Conforme Orso (2019), no mundo ocidental a escola teria sido criada durante o escravismo, em uma sociedade marcada pela luta de classes. Nesse contexto, vale ressaltar a divisão entre “raças” e a noção esdrúxula de superioridade da raça branca

européia em detrimento das demais, o que legitimou todo o processo de colonização e catequização dos povos originários.

Por esse motivo, as instituições de ensino permaneceram como privilégio exclusivo da classe dominante, representada majoritariamente por homens brancos, excluindo assim as mulheres, os trabalhadores e a população negra.

Entretanto, as mudanças que ocorreram em diversos setores da sociedade, durante a transição da Idade Média para a Modernidade, fizeram com que as escolas deixassem de ser um espaço exclusivo das elites, iniciando um processo de popularização, mas não com a mesma qualidade. Dessa forma, surge a escola dualista com um projeto de escola para os filhos da burguesia e outro projeto educacional para os filhos da classe trabalhadora, separando ricos e pobres, e aumentando as barreiras culturais entre as classes sociais. (ORSO, 2019)

No Brasil, as primeiras instituições de ensino também nasceram sob o estigma da escravidão e com o objetivo de ofertar educação para os filhos das famílias tradicionais, aqueles que já estariam destinados às universidades da Europa ou aos poucos cursos superiores que existiam no país

O Colégio Pedro II foi fundado em 1837, ainda durante o período colonial, para suprir a carência de instituições de ensino na capital federal e em homenagem ao imperador menino, Pedro II. Sua história está repleta de nomes de grande prestígio da sociedade brasileira, desde seus professores até seus ex-estudantes que, ao concluírem seus estudos, tornaram-se figuras importantes do país, como presidentes, artistas, intelectuais e cientistas renomados.

Por muitos anos, o ensino do colégio teve um caráter essencialmente propedêutico, ou seja, visava preparar os estudantes para os cursos superiores. Assim, após a conclusão dos estudos no colégio, os discentes obtinham diploma de bacharel em Letras, podendo ingressar nas universidades sem a realização de exames admissionais.

Atualmente o colégio se orgulha de ser uma das maiores instituições públicas de ensino do Brasil. Além do ensino básico (infantil, fundamental e médio<sup>2</sup>), o Colégio Pedro II também oferece o ensino superior, com cursos de licenciatura<sup>3</sup> e de pós-

---

<sup>2</sup> O Ensino Médio é ofertado nas modalidades Regular e Técnico, sendo este último Integrado à Educação Profissional ou Integrado à Educação Profissional para Jovens e Adultos (PROEJA). Além de Cursos Técnicos Subsequentes para aqueles que já concluíram o Ensino Médio.

<sup>3</sup> Quanto à graduação, o colégio oferece Licenciaturas Integradas em Humanidades, com cursos nas seguintes disciplinas: Ciências Sociais, Filosofia, Geografia, História.

graduação<sup>4</sup>. É notória sua expansão nos últimos 70 anos para as regiões mais distantes do centro da cidade, iniciada nos anos de 1950 e ampliada nos anos 2000, o que possibilitou acolher um maior número de estudantes.

Durante esse período foram pensadas novas formas de ingresso no colégio, como a criação do Pedrinho, nos anos 80, e a implementação do sorteio de vagas e do sistema de cotas nos processos seletivos, durante os anos 2000. Também foram implementadas ações para garantir a permanência dos estudantes na instituição, como o auxílio financeiro estudantil e o apoio pedagógico.

Trabalhos como os de Galvão (2003, 2009), Bastos (2014) e Silva (2015) concordam que houve um aumento da diversidade sociocultural do corpo discente após as ações de democratização do ensino, adotadas nas últimas décadas. Todavia, as autoras também apontam para a existência de mecanismos internos de seleção dentro do colégio que atingem principalmente os estudantes oriundos das classes populares, os mesmos que teriam se beneficiado com a expansão da instituição e suas novas formas de ingresso.

Tais mecanismos de seleção dialogam com o entendimento de Pierre Bourdieu (1998) acerca das instituições de ensino de excelência e suas formas de opressão. Segundo o pesquisador francês, as instituições tradicionais de ensino legitimam as desigualdades ao exigir determinado capital cultural que está relacionado à cultura dominante e é anterior a própria escola, dificultando as trajetórias dos estudantes de origem mais humilde, aqueles que não possuiriam o capital cultural exigido.

Assim, o Colégio Pedro II dialoga com a contradição da própria prática educativa e da sociedade antagonica na qual se consolidou, acolhendo e possibilitando mudanças nas condições materiais de seus estudantes, bem como perpetrando as desigualdades inerentes ao próprio sistema em que está inserido. Por essa razão nos debruçamos sobre as dinâmicas de acolhimento e exclusão presentes na instituição, para compreender como essa relação dialética influencia as trajetórias de estudantes.

Antes de esmiuçarmos as dinâmicas acolhedoras e excludentes identificadas no colégio, acreditamos ser importante compreender um pouco da narrativa oficial

---

<sup>4</sup>A Diretoria de Pós-Graduação oferta cursos de Lato Sensu e Stricto Sensu, tais como o Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional e Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica. As especializações oferecidas são em Artes Visuais, Ciências e Biologia, Ciências Sociais, Educação Matemática, Educação Psicomotora, EREREBÁ, Espanhol, Física, Geografia, História, História da África, Programa de Residência Docente, Química, Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, Práticas Musicais na Educação Básica.

elaborada pela própria instituição, que ganha formato em alguns de seus documentos e símbolos.

Assim, propomos um rápido olhar para um dos seus mais importantes símbolos, o Hino dos Alunos do Colégio Pedro II, que em sua letra define o perfil discente idealizado por/para essa tradicional instituição de ensino.

## **2.2 Hino dos Alunos do Colégio Pedro II**

Os hinos geralmente são cânticos ou composições musicais acompanhadas de versos em louvor de algum herói, acontecimento ou nação. Benedict Anderson (1989) define a nação como uma “comunidade política imaginada”, limitada e soberana, materialmente delimitada por fronteiras e simbolicamente caracterizada pela noção de pertencimento entre a população que vive no território.

Percebemos logo na primeira leitura o caráter nacionalista e patriótico presente no Hino dos Alunos do Colégio Pedro II, que dialoga com a temporalidade ufanista no qual o mesmo foi elaborado. A letra coloca os estudantes na figura de “heróis” da nação e nos faz crer na sua importância para a construção da “comunidade imaginada” idealizada pela instituição de ensino.

José Murilo de Carvalho (1995), ao analisar o contexto de formação da contraditória República brasileira, aponta a importância dos símbolos, signos e mitos, como o hino, a bandeira e a figura do herói, para a construção de um imaginário social e de uma ideia de pertencimento.

No entendimento de Eric Hobsbawn e Terence Ranger (1984) são inventadas tradições que dão a sensação de pertencimento, bem como legitimam, através do imaginário social e da própria materialidade, a existência da nação. Segundo os autores:

Tradição inventada é um conjunto de práticas, normalmente orientadas por regras tácita ou abertamente aceitas e um ritual de natureza simbólica, que visam inculcar certos valores e normais comportamentais por repetição, o que automaticamente implica em continuidade com o passado. (HOBSBAWN; RANGER, 1984, p.1)

Nesse sentido, percebemos o Hino dos Alunos do Colégio Pedro II como um símbolo importantíssimo de invenção da tradição do próprio colégio, uma das principais marcas da instituição, sendo capaz de estruturar uma “comunidade imaginada” com

noção de pertencimento, já que “incute certos valores e normas comportamentais por repetição”.

Sabemos que a sensação de pertencimento não se dá apenas através das regras, do currículo e das demandas institucionais, no entanto, objetivamos entender nesse capítulo como a ideia de pertencimento está posta no discurso oficial do colégio, mais especificamente no Hino dos Alunos.

É preciso ressaltar que “a memória, a tradição e a identidade institucional são recorrentemente abordadas em pesquisas e documentos produzidos sobre o Colégio Pedro II.” (PEÇANHA, 2021, p. 49) E que esses conceitos, assim como seus desdobramentos dentro do Colégio Pedro II, estão em constante processo de mudança, em diálogo com as ações dos sujeitos que compõem esta renomada instituição de ensino.

Assim, entendemos o espaço escolar como um local multifacetado e em constantes disputas, pois se por um lado existe uma narrativa institucional que tenta introjetar certos valores através de seus símbolos, signos e práticas, por outro não é possível ignorar a ação dos sujeitos nesse processo de ressignificação, o que possibilita deslocamentos na cultura institucional do colégio, como nos mostra Peçanha (2021).

Ao analisar os símbolos institucionais do colégio, como o Hino e a “tabuada”, Tatiana Cardoso (2014) percebe que os mesmos constituem “práticas sociais” do Colégio Pedro II, ao serem apropriados pelos sujeitos no processo de escolarização.

Essas práticas são constitutivas da memória coletiva de seus membros e são construídas através do discurso (...). Em vista disso, nossas análises partem do pressuposto de que a memória, as narrativas e as identidades são construções sociais realizadas na interação, sendo, portanto, conceitos dinâmicos. (CARDOSO, 2014, p. 51)

Sendo a identidade e a memória conceitos móveis, que alteram ao longo do tempo a partir da ação dos sujeitos, cabe pensar em que bases as mesmas são constituídas, levando em consideração o discurso institucional, que também se altera com o tempo, mas em um ritmo muito mais lento.

Por isso, nos voltamos para o Hino dos Alunos que é aprendido ainda nas classes iniciais e faz parte do currículo da disciplina de Música, que tem como objetivo ensinar a letra e a melodia aos estudantes. Todos são incentivados a decorarem sua letra que é ensinada antes mesmo das crianças serem totalmente alfabetizadas.

Subliminarmente, antes de alfabetizada, a criança dos “Pedrinhos”, antes de conhecer, insista-se, as letras do alfabeto, é inoculada ou, diríamos, vacinada para o futuro com o vírus da Tradição... (COLÉGIO PEDRO II, 2013, p. 37)

Seu cântico é entoado nas solenidades do colégio, início e final do ano letivo, eventos escolares, além de estar presente em todas as apresentações oficiais da instituição de ensino e também nos eventos não oficiais, como comemorações de aniversário e manifestações políticas.

O principal hino/símbolo do Colégio Pedro II não tem a instituição de ensino como protagonista, mas os estudantes que a compõe. Nesse sentido, o discurso institucional presente no Hino cria uma representação do que seria o colégio através da caracterização de um perfil discente específico, que tem como base a idealização de um indivíduo que deve ser “soldado da ciência e viver para os estudos”.

A música foi composta pelo maestro Francisco Braga, mesmo compositor do Hino à Bandeira Nacional, e a letra foi escrita por Hamilton Elia, Aluno Eminente<sup>5</sup> do colégio. Segundo informações publicadas no site da instituição, o hino foi executado pela primeira vez no dia 2 de dezembro de 1937, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, em sessão solene pela comemoração do centenário do Colégio Pedro II.

Nesta ocasião, orfeões do Externato e Internato, foram regidos pelas professoras Maria Elisa de Freitas Lima e Lucília Villa-Lobos. Na plateia estavam os professores e alunos, além de autoridades como o prefeito do Distrito Federal, Ministros de Estado e o presidente Getúlio Vargas. (COLÉGIO PEDRO II, 2014)

O Hino dos Alunos é conhecido por toda a comunidade escolar e lembrado por ex-estudantes que têm orgulho de dizer que realizaram seus estudos nessa instituição secular. Bem como a “Tabuada” que também costuma ser entoada pelos estudantes.

A Tabuada assemelha-se, comparativamente, com a forma de identificação maçônica do “aperto de mão”. Os alunos do Primeiro Segmento do Colégio e da classe de alfabetização, paralelamente aos cantos, de caráter educacional, recreativos, e brincadeiras de lazer conhecem primeiro o “Hino do Colégio” e a “Tabuada” mesmo sem saber ainda ou entender o significado das palavras. (COLÉGIO PEDRO II, 2013)

---

<sup>5</sup>A premiação foi iniciada em 1982, destinada para estudantes que passaram pelo Colégio Pedro II e obtiveram destaque devido a sua atuação na vida pública e profissional, como juristas, professores, escritores, jornalistas, entre outras profissões. Os Alunos Eminentes são escolhidos pelo Conselho Superior (Consup) que recebe sugestões de nomes de ex-estudantes. O colégio também concede o título de Aluno Pena de Ouro, criado entre as décadas de 1930 e 1940 e que, partir de 1980, tem como objetivo homenagear estudantes que concluíram o ensino médio com maior média geral em cada *campus*. Vale ressaltar que a pena entregue aos estudantes é uma réplica daquela utilizada pela Princesa Isabel, quando assinou a Lei Áurea, em 1888.

Abaixo analisamos o Hino e seu texto que revela os anseios de uma escola focada no corpo discente enquanto seres combatentes, os quais devem usar o conhecimento como ferramenta de luta para alcançar um futuro brilhante para a nação brasileira.

Nós levamos nas mãos, o futuro  
De uma grande e brilhante Nação  
Nosso passo constante e seguro  
Rasga estradas de luz na amplidão.

Nós sentimos no peito, o desejo  
De crescer, de lutar, de subir  
Nós trazemos no olhar o lampejo  
De um risonho e fulgente porvir.

Vivemos para o estudo  
Soldados da ciência  
O livro é nosso escudo  
E a arma a inteligência.

Por isso sem temer  
Foi sempre o nosso lema  
Buscarmos no saber  
A perfeição suprema.

Estudaram aqui, brasileiros  
De um enorme e subido valor  
Seu exemplo, segui companheiros  
Não deixemos o antigo esplendor.

Alentemos ardente a esperança  
De buscar, de alcançar, de manter  
No Brasil a maior confiança  
Que só pode a ciência trazer.

Vivemos para o estudo  
Soldados da ciência  
O livro é nosso escudo  
E arma a inteligência.

Por isso sem temer  
Foi sempre o nosso lema  
Buscarmos no saber  
A perfeição suprema. (Hino dos Alunos do Colégio Pedro II – COLÉGIO PEDRO II)

Ao analisarmos a letra do hino, inicialmente salta aos nossos olhos o patriotismo, na responsabilidade delegada aos estudantes do colégio com a nação, já que o futuro brilhante do Brasil estaria nas mãos do corpo discente do Colégio Pedro II.

Além da valorização do conhecimento e do saber como armas que devem ser usadas pelo estudante em favor da nação brasileira para alcançar a “perfeição suprema” e manter o “antigo esplendor”.

A primeira e a segunda estrofe destacam a responsabilidade histórica que os estudantes do colégio têm com a nação, como protagonistas de um futuro “brilhante”, ao enfatizar que eles devem seguir os passos daqueles que vieram antes e que foram responsáveis pelo esplendor da instituição.

Percebemos essa ideia em algumas passagens como “nosso passo constante e seguro” e, principalmente, na quinta estrofe do hino, na qual está explícito que os estudantes devem seguir os exemplos de seus antecessores que se tornaram indivíduos de sucesso.

Na frase dita por um ex-estudante à pesquisadora Cristina Galvão, e que mais tarde se tornou o título de sua tese, “Nós somos a história da educação”, percebemos que a história do colégio se confunde com a história da nação brasileira, além da valorização de uma narrativa de êxito escolar, relacionando-a aos seus ex-estudantes que se tornaram figuras importantes, ocupando cargos de poder na sociedade. (GALVÃO, 2009)

Nesse sentido, a pesquisadora supracitada ressalta o prestígio do colégio mantido ao longo de quase dois séculos de existência, sendo reconhecido como uma instituição de excelência, apesar da crescente desvalorização da educação pública. Mas questiona essa história institucional apenas calcada no êxito, que acaba invisibilizando trajetórias estudantis que não foram bem-sucedidas.

Ao se debruçar sobre os documentos da instituição de ensino, em busca de registros que versassem sobre a jubilação ou casos de estudantes que não conseguiram concluir seus estudos, a autora relata a dificuldade em encontrá-los nos arquivos oficiais do colégio, como se toda história composta pelos documentos oficiais tivessem o objetivo de enfatizar apenas a excelência do mesmo, ignorando trajetórias que não teriam obtido êxito na escola. (GALVÃO, 2003)

A professora e pesquisadora Alessandra Pio (2020), que também foi servidora da instituição, constata em sua tese de doutoramento a dificuldade em relação ao acesso de informações no colégio. Segundo ela, durante a elaboração de sua pesquisa não havia uniformidade entre os *campi* quanto aos formulários de ingressantes, por exemplo, dificultando o conhecimento de alguns dados com mais exatidão, como raça/cor.

Empecilho também citado por Cristina Galvão (2003) ao tentar estudar a trajetória de estudantes no colégio, desde o ingresso até a formação. As autoras apontaram para a dificuldade em saber o que aconteceu com determinados estudantes ao longo de suas trajetórias escolares, principalmente aqueles que são transferidos ou tem sua formação interrompida.

Em relação ao Hino dos Alunos, consideramos a terceira estrofe uma das mais simbólicas de toda a composição, se não a mais impactante e lembrada, de forma cantada, por estudantes, ex-estudantes, servidores e ex-servidores da escola. Nesta parte, o hino afirma que os estudantes do colégio vivem para os estudos e são “soldados da ciência”, armados pelos livros e pela inteligência.

Se por um lado esse trecho nos parece cheio de cidadania e criticidade, por outro nos traz uma ideia quase idílica, quando imaginamos quem de fato pode ou deseja dispensar toda a sua vida somente com os estudos, principalmente em uma realidade tão desigual, como a brasileira.

A quarta estrofe apresenta, mais uma vez, o espírito combativo, corajoso e militante de “buscar no saber a perfeição suprema”, que deve ser incorporado pelos discentes. Já a quinta estrofe enfatiza um caráter importante para a instituição, sua história e seus ex-estudantes renomados que devem ser seguidos como exemplo para que o colégio mantenha sua excelência e não perca seu “antigo esplendor”.

Ao olharmos toda a letra, é possível verificar que um dos principais símbolos do colégio foi dedicado ao corpo discente, que já tem um perfil idealizado, soldados da ciência responsáveis por proporcionar um futuro confiante e próspero para a nação. A letra do Hino dos Alunos do Colégio Pedro II tem uma definição bastante característica dos estudantes que devem compor suas salas de aula, aqueles que serão responsáveis por manter a história de êxito presente na tradição educacional da instituição.

Assim, acreditamos que o Hino dos Alunos é um símbolo de apresentação da escola e representa o discurso oficial do colégio, que acaba reproduzindo características seletivas quanto à composição de seu corpo discente, fruto de sua própria formação histórica. Nesse sentido, é possível fazer uma relação do hino com a noção de capital cultural de Pierre Bourdieu.

O autor aponta que as instituições de ensino de excelência são destinadas aos jovens oriundos da classe dominante, aqueles que são possuidores do capital cultural anterior a própria escola. E demonstra que o desempenho escolar está relacionado à origem social dos estudantes (classe social, local em que vivem, como vivem), assim

como ao acesso aos bens culturais que distinguem, hierarquizam e estratificam os grupos sociais. (BOURDIEU, 1998)

O conceito de capital cultural sugere a posse de determinados conhecimentos ligados à cultura da classe dominante, considerada legítima. Nessa lógica, o sucesso na escola dependeria desse capital cultural anterior às instituições de ensino, interiorizado através da socialização com o grupo familiar. (BOURDIEU, 1998)

O perfil discente idealizado pelo Colégio Pedro II no Hino dos Alunos pode ser usado como um tipo de exemplo de capital cultural exigido pela escola, visto que para ser um soldado da ciência, que vive para os estudos, é necessário ter uma estrutura social e familiar que possibilite e valorize tal condição.

Com base nos trabalhos de Galvão (2003, 2009), Bastos (2014) e Silva (2015), é possível verificar a existência de mecanismos internos de seleção no Colégio Pedro II que dificultam a trajetória de estudantes oriundos de classes populares, aqueles que não teriam o capital cultural necessário para um bom desempenho escolar.

As autoras ainda confirmam em suas pesquisas que os mecanismos de exclusão afetam majoritariamente estudantes que ingressaram no colégio a partir de medidas que têm como foco a democratização do acesso, como sorteio de vagas e/ou sistema de cotas, revelando uma contradição que afeta as trajetórias estudantis.

Dessa maneira, o Colégio Pedro II demonstra seu caráter dual, através de dinâmicas que atuam concomitantemente, acolhendo e excluindo os estudantes, ao se equilibrar em uma linha tênue entre a reprodução do passado no presente ou a efetiva democratização do conhecimento em sua totalidade, inclusive o não científico e o não ocidentalizante, essencialmente marcado pela colonialidade.

Mas antes de olharmos mais propriamente para as dinâmicas acolhedoras e excludentes, precisamos nos voltar para a formação histórica dessa renomada instituição de ensino.

### **2.3 Uma escola tradicional**

O Colégio Pedro II é a segunda mais antiga instituição de ensino brasileira vinculada ao Ministério da Educação, sua condição jurídica é de uma autarquia com autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógica e disciplinar, de

característica pluricurricular e multicampi, tendo como principal objetivo ofertar a Educação Básica.

Considerado um marco da educação brasileira, o colégio atravessou dois importantes períodos históricos do Brasil, o Império e o início da República, fazendo com que sua história se confunda com a história do Brasil, da educação nacional e dos desenvolvimentos científico, tecnológico, artístico e cultural da nação brasileira.

Foi fundado devido à necessidade de um colégio que substituísse o antigo modelo de ensino secundário da época calcado nas aulas avulsas<sup>6</sup>, integrando assim em uma única instituição diversas disciplinas que visavam o preparo dos estudantes para ingressarem nos cursos superiores.

Inspirado no modelo dos liceus franceses teve em sua essência “a proposta de ser um instrumento de projeto pedagógico do Governo para um novo modelo de ensino secundário a ser implantado no Município da Corte e servir de padrão para as escolas das demais províncias do Estado.” (SANTOS; SILVA; ANDRADE; RODRIGUES, 2018, p. 25)

Criado em 1837, ainda durante o período imperial, a partir de um decreto do Ministro do Império, Bernardo Pereira de Vasconcelos, que reorganizou o Seminário de São Joaquim, mudando o seu nome para Collegio de Pedro Segundo, em homenagem ao Imperador menino que celebrava seu aniversário de 12 de anos.

O Ministro tinha o desejo de criar uma escola que garantisse formação acadêmica para os estudantes, em oposição ao ensino anteriormente ministrado no Seminário de São Joaquim, que tinha como foco a formação para o trabalho manual e profissões práticas. Para ele, era necessário um colégio para formar cidadãos de alto gabarito, que pudessem compor cargos importantes na administração pública, como advogados, políticos, médicos e educadores.

Nesse sentido, ao analisar o Primeiro Livro de Matrículas de alunos do Colégio Pedro II (1838 a 1854), Beatriz Boclin dos Santos *et al* (2018) perceberam o caráter de elite dos primeiros estudantes matriculados no colégio a partir de 1838, os quais mais tarde viriam se destacar em funções públicas.

E constataram com base no documento que:

---

<sup>6</sup> O sistema de aulas avulsas, também conhecida como Aulas Régias, foi a base do ensino secundário a partir do final do século XVIII. Consistia no ensino de disciplinas de modo independente para preparar os estudantes visando o ingresso nos cursos superiores, com aulas avulsas de Latim, Filosofia, Retórica, Francês, Poética, entre outras. Esse sistema causava certa dispersão entre os alunos, já que não havia uma integração entre as aulas, nem uma organização por parte do poder público para que as mesmas ocorressem em um único espaço de ensino.

[...]a quase totalidade de estudantes que ingressavam no Colégio Pedro II correspondia a uma elite do Município da Corte e das demais províncias do Império. [...]eram filhos de conselheiros do Estado Imperial, deputados, senadores, desembargadores, oficiais do exército, nobres da Corte, negociantes ricos e proprietários de terras[...]” (SANTOS; SILVA; ANDRADE e RODRIGUES, 2018, p. 26)

Com base nos valores europeus de civilização e progresso, os alunos do Imperial Colégio saíam com o diploma de bacharel em Letras, aptos a ingressarem nos cursos superiores. Segundo decreto de 1843, o Colégio era o único a conferir esse título a seus formandos, garantindo o privilégio de entrarem para os cursos superiores sem precisar prestar os exames de admissão.

Tendo em vista a sua importância nas lutas pela redemocratização do país, o colégio tornou-se a única instituição de ensino explicitamente citada e protegida na Constituição brasileira de 1988, em seu art. 242, parágrafo 2º, não podendo deixar de ser uma Autarquia federal.

O colégio faz parte da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e é uma importante referência para a Educação Básica do país. No último século, teve três principais ciclos de expansão (1950, 1980, anos 2000), o que permitiu a criação de novas unidades de ensino em regiões mais afastadas do centro da cidade e ampliou suas formas de ingresso, com a criação dos Pedrinhos (1980) e a institucionalização do sorteio de vagas, aumentando a diversidade cultural entre seu corpo discente.

Atualmente, seu complexo escolar é composto por 14 *campi* e um Centro de Referência em Educação Infantil distribuídos em seis bairros da cidade do Rio de Janeiro e nos municípios de Duque de Caxias e Niterói, com cerca de 13.000 mil alunos e 2.500 servidores, entre docentes e técnicos.

Oferece turmas de Educação Infantil até o Ensino Médio Regular e Integrado, Educação Profissional (técnicos em Informática, Instrumento Musical e Meio Ambiente) e Educação Profissional na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), ofertando cursos técnicos em Manutenção e Suporte em Informática e Administração.

O Colégio Pedro II se tornou uma referência educacional no país, ao ofertar Educação Profissional de forma articulada com a Educação Básica e cursos de graduação e pós-graduação *lato* e *stricto sensu* na área de Educação e Formação de

Professores. E ficou reconhecido pelo ensino de excelência com ênfase humanista e vinculado à pesquisa científica, no qual o estudante é valorizado como produtor de conhecimento e agente de sua própria história no mundo.

Hoje o colégio apresenta um público diversificado, atendendo uma parcela da população mais pobre, mas nem sempre isso foi uma realidade. Antes da implantação do sorteio de vagas (1984), o ingresso só era permitido aos estudantes que obtivessem êxito nas provas de admissão, aqueles que podiam se preparar para as avaliações, investindo em cursos e aulas particulares.

Seu complexo processo de seleção ocorre desde os editais e os exames admissionais, conhecidos por seu grau dificuldade, até o alto nível de competitividade em relação ao número de candidatos por vaga, demonstrando seu caráter seletivo logo no acesso ao colégio.

As mulheres não escaparam dessa exclusão e durante muitos anos foram impedidas de fazer parte do corpo discente do colégio, mesmo após 100 anos desde a sua fundação. A primeira secundarista a se formar nesta instituição, Yvone Monteiro da Silva, ingressou apenas em 1927. O ingresso não era destinado a todos e até aqueles que conseguiam uma vaga nesta instituição podiam ser expulsos pela jubilação, caso fossem reprovados duas vezes o mesmo ano escolar.

Assim, o Colégio Pedro II foi construindo uma história de excelência e sucesso, eliminando de suas salas de aula os estudantes que não correspondiam ao “padrão CP2”. Silva (2015) aponta para a existência de um perfil de estudantes jubilados pelo colégio composto, em sua grande maioria, por pobres e pretos que ingressavam pelo sorteio e que não se adaptavam as demandas escolares exigidas, nem se identificavam com a instituição.

Apesar das políticas dos últimos anos terem ampliado o acesso a estudantes de diferentes classes sociais, ainda é possível identificar a existência de mecanismos internos de seleção que dificultam as trajetórias escolares dos discentes, principalmente daqueles que ingressam através do sorteio, oriundos do Pedrinho e que, geralmente, são negros de origem humilde. (SILVA, 2015)

Alessandra Pio (2020) ressalta que segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os indivíduos declarados pardos compõem a maior parte da população nacional desde os últimos anos, e que o número de pretos declarados também tem crescido, mas que essa população está longe de ser maioria no Colégio

Pedro II, tendo inclusive um quantitativo menor de estudantes negros se comparado com a rede municipal de ensino da cidade do Rio de Janeiro.

Assim, é preciso enfatizar que o preconceito racial é uma realidade presente na estrutura sociocultural do Brasil, que institucionaliza a exclusão de pretos e pardos em todos os setores da sociedade, principalmente no sistema de ensino. (GOMES, 2017)

Bastos (2014) pontua que a discriminação racial existente no sistema escolar nem sempre ocorre de forma explícita, por agressões ou apelidos, mas especialmente nos discursos, na expectativa familiar em relação ao desempenho dos seus filhos/as e, principalmente, na ausência de referenciais negros e na regulação dos corpos femininos.

Observamos, por exemplo, que mesmo após as políticas instituídas nos últimos anos, como a lei 10.639/2003, que trata da obrigatoriedade do ensino sobre história e cultura afro-brasileira em escolas públicas e particulares, ainda há uma resistência da comunidade escolar para tratar desses assuntos. A autora afirma que:

Embora avanços tenham ocorrido nas últimas décadas, no que se refere ao acesso a uma escolarização, ainda há muito o que se corrigir a fim de se promover igualdade de oportunidades às populações historicamente discriminadas e o combate às diferentes formas de discriminação. (BASTOS, 2014, p. 26).

Nesse sentido, a criação do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) no Colégio Pedro II foi de extrema importância para levantar debates e suscitar questões antes invisibilizadas ao longo das trajetórias dos estudantes. O núcleo inicialmente criado por iniciativa de um pequeno grupo de docentes com o objetivo de lançar luz às demandas étnico-raciais na escola possibilitou o surgimento de outros núcleos, projetos interdisciplinares, grupos de debates e pesquisa acerca de problemáticas diversas além da pauta racial, como questões socioeconômicas, de gênero e no que tange às pessoas com dificuldades no processo de aprendizagem.

No entanto, vale ressaltar que os projetos, grupos e núcleos de debate e pesquisa não são fruto direto de uma dinâmica institucionalizada no colégio, sendo assim ações/dinâmicas restritas a determinados *campi*, dependente do desejo e da disponibilidade do corpo docente, que já lida com uma alta demanda de trabalho diário. Vale ressaltar também que não são todos os professores que compreendem a importância das ações voltadas para democratização do ensino do colégio.

Portanto, reconhecemos que, mesmo estando no caminho para ampliar o acesso e a permanência de estudantes das mais diversas realidades socioculturais no colégio,

ainda é preciso reavaliar certas práticas e estigmas que permanecem sendo reproduzidos por renomadas instituições tradicionais de ensino, como o Colégio Pedro II.

E que acabam culminando no afastamento dos estudantes, que se sentem frustrados e distantes da escola. Quando a permanência é dificultada, o desempenho escolar começa a ficar abaixo do nível exigido pela instituição, levando à evasão escolar e a futuros traumas com os estudos.

Mas se atualmente a entrada no colégio é feita de forma mais democratizada, com sorteio de vagas e sistema de cotas, é importante ressaltar que nem sempre essa foi a realidade da instituição. Durante muito tempo seu acesso esteve, quando não restrito, majoritariamente destinado para os filhos das famílias de prestígio da cidade do Rio de Janeiro, como vimos anteriormente na pesquisa em que os autores analisaram o primeiro livro de estudantes matriculados.

Mesmo hoje, após quase dois séculos de fundação, as provas de ingresso no sexto ano do ensino fundamental e primeiro ano do ensino médio, ainda demonstram o caráter seletivo da instituição. Nesse sentido, historicizamos as formas de ingresso no colégio com o objetivo de mostrar como eram realizados os principais processos seletivos em seus mais de 180 anos de história.

## **2.4 Formas de ingresso**

Para ingressar no colégio os estudantes precisavam passar por um rigoroso exame de admissão que levava em consideração a idade, o mérito adquirido e habilidades anteriores à escola. Durante o período imperial o ensino do colégio não era gratuito e se caracterizava por matrícula anual e pensões trimestrais. Todavia, algumas gratuidades eram concedidas para órfãos pobres, filhos de professores com mais de 10 anos de serviço no magistério, estudantes pobres que se destacaram no ensino primário e, mais tarde, filhos de militares mortos na Guerra do Paraguai. (COLÉGIO PEDRO II)

Durante muitos anos a única forma de ingressar no colégio se dava por meio de concurso público para turmas da 5ª série (atual 6º ano). No entanto, Galvão (2009) aponta que ao longo da história do colégio ocorreram algumas mudanças na formas de ingresso dos estudantes, como quando houve a Reforma de Ensino da Lei 5692, de 1971, que estabeleceu a junção dos cursos primário e ginasial no curso fundamental em oito anos e extinguiu o exame de admissão à 5ª série.

Essa medida fez com que a instituição mantivesse a prova de admissão apenas para 1º ano do Ensino Médio e provocou um esvaziamento do número de estudantes ao longo da década de 1970, tendo em vista que, segundo a nova lei, o antigo ginásio agora 1º grau seria de competência do Estado. (GALVÃO, 2009)

Em 1980, ainda nesse contexto de reformas educacionais e debates articulados entre as políticas de ensino e os departamentos pedagógicos da instituição, o colégio reabriu as turmas para o segundo segmento do Ensino Fundamental e começou a admitir estudantes através de um convênio com a Secretaria Municipal de Educação que encaminhava discentes com conceitos A e B para a 5ª série (atual 6º ano). (GALVÃO, 2009)

Porém, em 1981, as indicações começaram a gerar problemas devido às dificuldades pedagógicas encontradas pelos estudantes, fazendo com que o concurso voltasse no ano seguinte. Juntamente com a retomada das aulas no Ensino Fundamental, o colégio começou a gerir a ideia de criação do “Pedrinho” para abranger os primeiros anos do Ensino Fundamental. (GALVÃO, 2009)

É importante ressaltar, como apontou a pesquisadora Galvão (2009), que de 1982 a 1989, houve reserva de vagas para alunos carentes nos concursos de admissão para a antiga 5ª série e 1º ano do ensino médio. Confirmando que o Colégio Pedro II foi precursor na iniciativa de políticas de cotas na educação básica, inicialmente para estudantes de baixa renda e, em seguida, para estudantes oriundos de escolas públicas. Bastava comprovar que a família tinha renda de até três salários mínimos e não tirar menos que cinco nas provas.

Outra diretriz que revela o caráter precursor do colégio em ampliar o acesso de estudantes das classes populares ocorreu em 2004, quando 50% das vagas dos concursos de admissão ao 6º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio passaram a ser destinadas para alunos oriundos de escolas públicas.

Nesse sentido, o sorteio público de vagas foi uma importante ação tomada pela instituição na década de 80, quando foram criados os “Pedrinhos”, ofertando turmas para os anos iniciais do Ensino Fundamental. A primeira unidade escolar a ofertar turmas da Alfabetização à 4ª série foi estabelecida em São Cristóvão (1984) e, logo depois, foram implantadas em outros bairros, como Humaitá (1985), Engenho Novo (1986), Tijuca (1987), a última foi criada em 2013, em Realengo.

O acesso as vagas oferecidas pelo colégio é anual, por meio de sorteios públicos e processos seletivos. O sorteio público é realizado para os grupamentos III e IV da

Educação Infantil (crianças de três e quatro anos, respectivamente), e para o 1º e 2º anos do Ensino Fundamental, permitindo o ingresso de um perfil discente diversificado, já que são atendidos os filhos de famílias de diferentes origens sociais.

Para ingressar no 6º ano do Ensino Fundamental e 1ª série do Ensino Médio Regular, deve ser realizada uma prova objetiva de Português, Matemática e redação. Para a 1ª série do Ensino Médio Integrado, é realizada prova objetiva de Português, Matemática e questões específicas por curso, além de redação. Já no Ensino Médio Integrado de modalidade PROEJA é realizado o sorteio público.

A distribuição de vagas para admissão no 6º ano do Ensino Fundamental tem 5% do total de suas vagas destinadas para pessoas com deficiência, 50% das vagas restantes são reservadas para candidatos que tenham cursado integralmente o 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, em escolas da rede pública (municipal, estadual ou federal). As demais vagas são ofertadas para os candidatos que estudaram na rede privada de ensino.

Quanto às vagas para o Ensino Médio Regular e Integrado, sua distribuição tem como base as leis 12.711/12 e 12.764/12, sendo 5% das vagas reservadas para pessoas com deficiência (PCD). Os 50% do total de vagas restantes são destinados para candidatos que tenham cursado integralmente o Ensino Fundamental em escolas da rede pública (municipal, estadual ou federal), e nesse percentual há uma divisão por renda mensal, sendo 50% dessas vagas destinadas para candidatos com renda bruta igual ou inferior a 1,5 salários mínimos per capita (cota social), e 50% para candidatos com renda bruta maior que 1,5 salários mínimos per capita.

Em cada um desses subgrupos de candidatos estudantes da rede pública divididos por renda, fica reservado, proporcionalmente, o percentual de vagas referente ao índice relativo à soma de pretos, pardos e indígenas (PPI) da população do estado do Rio de Janeiro (cota racial), segundo o último Censo Demográfico feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). As demais vagas são preenchidas por candidatos vindos da rede particular de ensino.

Para Hermes, Rodrigues, Santana e Lima (2017), os anos 2000 significaram para o Colégio Pedro II a construção de uma nova e complexa trajetória. Os autores destacam a expansão do colégio para outras localidades e a adoção das cotas que possibilitaram uma nova configuração, ampliando a presença de segmentos sociais antes pouco representativos na escola, entre eles estudantes negros e negras.

A nova fase do Colégio Pedro II está marcada por ações que visam à democratização do ensino do colégio, tais como: expansão das unidades de ensino,

implementação do sorteio público de vagas, adoção do sistema de cotas e a institucionalização de medidas que ajudam na permanência dos estudantes (fim da jubilação, criação do auxílio estudantil, entre outras).

Essas ações fazem parte de um planejamento institucional descrito no Projeto Político Pedagógico Institucional do colégio que se compromete com uma educação pública, gratuita, laica e de qualidade para todos. O documento foi elaborado em consonância com a comunidade escolar e materializa os fundamentos político-pedagógicos do colégio, assim como sua proposta educacional voltada para a formação de um indivíduo capaz de atuar no mundo de modo crítico, solidário e inclusivo.

### **3 O NOVO VELHO CP2**

#### **3.1 Projeto Político Pedagógico Institucional**

Em toda instituição escolar o Projeto Político Pedagógico (PPP) é uma importante ferramenta para se pensar práticas pedagógicas e ações que favoreçam o processo de ensino-aprendizagem. Seu principal objetivo é traçar caminhos para alcançar as metas pretendidas pela escola, com base na realidade atual do cotidiano escolar. Para isso, ele deve ser elaborado de forma democrática, em conjunto com a comunidade escolar.

O PPP da escola, portanto, é o plano de melhoria, de mudança de uma realidade. Essa realidade configura-se no trabalho pedagógico que se realiza diariamente, nas aulas, no currículo, na metodologia, no processo de avaliação, na forma de participação dos pais, nas relações interpessoais, na concepção de educação que a escola defende, na coordenação pedagógica prática, na forma de gestão implantada. Enfim, todas as ações desenvolvidas na escola, tendo em vista o processo ensino-aprendizagem. Constituem o trabalho pedagógico da escola, que por sua vez, configura-se no PPP. (SANTOS, 2013, p.21)

No Projeto Político Pedagógico Institucional (2018), o Colégio Pedro II assume a missão de “promover a educação de excelência, pública, gratuita e laica, por meio da indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão, formando pessoas capazes de intervir de forma responsável na sociedade.”

Também almeja “ser uma instituição pública de excelência em educação integral e inclusiva, consoante com o mundo contemporâneo e as novas técnicas e tecnologias,

comprometida com a formação de cidadãos, visando uma sociedade ética e sustentável.”, com base nos “valores da ética, excelência, competência, compromisso social e inovação.” (COLÉGIO PEDRO II, 2018)

Segundo seu Projeto Político Pedagógico, o colégio também tem uma política de valorização do perfil profissional dos seus servidores, concedendo afastamentos para aqueles que se inscrevem em cursos de pós-graduação, além de ter uma estrutura de incentivo institucional à participação em eventos pedagógicos e científicos nacionais e internacionais.

Assim, a instituição custeia os gastos de diárias e passagens de estudantes, docentes e do pessoal técnico-administrativo, interessados em participar de cursos e intercâmbios que ampliem o conhecimento acerca das práticas e dos saberes da comunidade escolar.

Ao nos debruçarmos sobre o PPP do colégio, verificamos seu caráter democrático logo na introdução do documento que destaca a forte presença da comunidade escolar, participando da escolha dos membros das câmaras setoriais (representantes da Educação Infantil à Pós-Graduação de diversos segmentos da comunidade escolar: docentes, técnico-administrativos, estudantes e responsáveis de alunos) e das audiências públicas que tinham como função receber a contribuição de todos na elaboração do texto.

O processo de escrita do PPP se iniciou em 2015, mas apenas em 2017 o documento foi concluído e apresentado para todos. Suas quase 600 páginas nos permitem obter mais detalhes sobre o funcionamento do colégio e de suas unidades escolares, bem como os seus fundamentos teórico-filosóficos e metodológicos, suas políticas de ensino e sua organização escolar.

O documento está alicerçado em uma educação solidária, inclusiva e emancipatória, propondo levar para o cotidiano das práticas pedagógicas as discussões presentes na sociedade contemporânea e afirma que:

O objetivo de nossa instituição é a busca pela igualdade de direitos nas relações entre os sujeitos de diferentes classes sociais, etnias, gêneros, orientações sexuais, religiões, gerações e culturas. Assim, o Colégio se compromete com o diálogo, com a reflexão e o combate às diferentes formas de exclusão, discriminação e desrespeito que podem ser vivenciadas em nossa sociedade. (COLÉGIO PEDRO II, 2018, p.21)

A escola não deve ser vista apenas como um espaço de conhecimento, mas também como um ambiente de relações e encontros que possibilita a vivência de direitos e deveres entre os indivíduos. Por isso, o Colégio Pedro II propõe uma educação em busca de uma sociedade mais justa, de forma que a tarefa educacional esteja voltada para a formação da população para o exercício da cidadania e da qualificação para o trabalho.

Um ensino pensado através do diálogo de base freiriana, a partir da valorização dos direitos humanos e do indivíduo enquanto crítico da realidade social, pontuando que:

Para Freire (2005) educar é construir, é libertar o homem do determinismo, passando a reconhecer o papel da História e a questão da identidade cultural, tanto em sua dimensão individual, como na prática pedagógica proposta. Sua concepção de educação considera o homem como um ser autônomo, capaz de transformar-se continuamente e de transformar seu contexto social. Nesse sentido, a educação é o instrumento de democratização social e a escola é o espaço de prática do diálogo e da reflexão. (COLÉGIO PEDRO II, 2018, p. 20)

O PPP do Colégio Pedro II reflete as diretrizes e estratégias elaboradas em conjunto com a comunidade escolar. Nele encontramos descrições das políticas de ensino, projetos e rotinas acerca das atividades docentes, discentes e administrativas do colégio, bem como os componentes curriculares de cada departamento e dos demais setores pedagógicos. Em nossa análise nos atentamos principalmente para os fundamentos teórico-filosóficos que compõem o documento, na tentativa de compreender como a política de ensino do colégio está estruturada.

O texto revela que a construção dos saberes no Colégio Pedro II está pautada na elaboração coletiva de uma proposta curricular que tem o objetivo de ampliar o conhecimento dos estudantes de forma crítica, tendo como base a solidariedade, o senso de justiça e o respeito às diferenças. Busca um ensino que dê autonomia aos discentes, permitindo-lhes intervir em sua própria realidade social e detalha os objetivos e metas elaborados pela escola em acordo com as demandas da comunidade escolar.

Todavia, como todo documento, ele representa a teoria do que se deseja na prática cotidiana do colégio, não conseguindo abarcar toda a realidade escolar, nem atender todos os indivíduos que compõem essa renomada instituição de ensino.

Por isso, consideramos necessário lançar um olhar mais profundo sobre a realidade escolar a partir das trajetórias dos estudantes, para compreender como as

políticas e diretrizes do colégio atuam através de dinâmicas de exclusão e acolhimento, tendo como base a revisão bibliográfica já mencionada.

Ao olharmos para os apontamentos realizados pelos autores e autoras selecionados, é possível identificar práticas e processos que ocorrem dentro do Colégio Pedro II de modo a possibilitar a inclusão/acolhimento de estudantes, bem como a exclusão dos mesmos.

Neste trabalho, essas práticas e processos são denominados de “dinâmicas”, de modo a facilitar a compreensão das medidas institucionalizadas no interior da escola, que afetam diretamente as trajetórias estudantis. Assim, nosso principal objetivo é identificar e sistematizar algumas das dinâmicas já apontadas anteriormente por pesquisadores que se debruçaram sobre as práticas e processos institucionalizados no interior do colégio, que atuam de forma acolhedora e excludente.

### **3.2 Dinâmicas de acolhimento**

Entendemos como dinâmicas de acolhimento as práticas que objetivam acolher/incluir os estudantes ao longo de todo o processo de escolarização, desde o ingresso até a permanência na instituição. Inicialmente, destacamos de forma cronológica as ações que ampliaram o acesso à escola, como a expansão do colégio para outras regiões da cidade e, mais tarde, do estado, aumentando a população atendida.

O Colégio Pedro teve três principais ciclos de expansão, o primeiro ocorreu nos anos de 1950, quando foram criadas três seções escolares distribuídas pela zona norte e sul, nos bairros do Engenho Novo (1952), Humaitá (1952) e Tijuca (1957). Já o segundo ciclo foi durante os anos de 1980 e marcou uma importante expansão interna do colégio, com a criação dos “Pedrinhos”, o que permitiu a oferta de turmas nos anos iniciais do ensino fundamental. (COLÉGIO PEDRO II, 2013)

O terceiro ciclo de expansão estava em sintonia com as políticas do Governo Federal de descentralizar a educação, levando o ensino para regiões periféricas. Aconteceu de 2004 a 2007, com a criação de três novos *campi*, em Realengo (2004), Niterói (2006) e Duque de Caxias (2007). (COLÉGIO PEDRO II, 2013)

Em 2006, o colégio implantou o Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio, oferecendo o Ensino Médio Integrado e a Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), sendo a seleção deste último feita através de sorteio público.

Já as atividades de educação infantil se iniciaram em Realengo no ano de 2012, atendendo crianças de 3 a 6 anos de idade e, em 2016, foi instituído o Centro de Referência em Educação Infantil Realengo. (SILVA, 2015)

Outra medida importante também visando à democratização do acesso ao Colégio Pedro II foi a institucionalização do sorteio para ingresso nas turmas dos anos iniciais dos Pedrinhos, introduzindo na instituição um perfil discente diversificado. (COUTO, 2016)

Ainda em 2004, o colégio passou a destinar 50% das vagas ofertadas no concurso para estudantes egressos de escolas públicas, antes mesmo da promulgação da Lei Federal nº 12.711, de 2012, que estabeleceu a política de cotas para esses estudantes. (SILVA, 2015)

O que modificou na instituição após a Lei de Cotas de 2012 foi a adoção das “subcotas” de caráter racial e socioeconômico. Voltadas para estudantes autodeclarados pretos, pardos e indígenas, para pessoas com deficiência e para estudantes oriundos de família com renda igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo. (COUTINHO; ARRUDA; OLIVEIRA, 2021)

Democratizar o acesso ao ensino é tão importante quanto garantir a permanência dos educando nas salas de aula, por isso o colégio tem dinâmicas de acolhimento voltadas para manter os estudantes na instituição. O fim da jubilação se mostrou como uma das principais medidas visando à permanência dos estudantes, em contraponto à expulsão de discentes naturalizada durante séculos pelos corredores do colégio.

No entanto, seu fim foi paulatino, Farah e Silva (2017) apontam para a flexibilização da jubilação que se iniciou em 2005, sendo aplicada apenas para estudantes a partir do 3º ano do ensino fundamental. O que na visão das autoras deu mais tempo para os estudantes egressos do sorteio se adaptarem às exigências do colégio.

A prática da jubilação só chegou ao fim em 2015, com a Portaria nº 1343, que estabeleceu o fim do jubramento no Colégio Pedro II com objetivo de garantir a permanência e o aprendizado a todos os estudantes, inclusive aqueles que por algum motivo não atingiram o desempenho escolar exigido. Tal medida está em diálogo com as demandas da comunidade escolar que via a jubilação como uma forma de exclusão dos estudantes tidos como fora do “padrão CP2”. (COLÉGIO PEDRO II, 2015)

A extinção do jubramento foi um marco importante para acabar com essa exclusão institucionalizada dentro da escola e que atingia os estudantes que não obtiam

o rendimento escolar esperado. No entendimento do ex-reitor Oscar Halac era preciso “manter nossos alunos independentemente da velocidade com que eles aprendem. A boa escola não é aquele que mais aprova ou que jubila, mas sim aquela que ensina.” (COLÉGIO PEDRO II, 2015)

O ex-reitor ainda ressalta que tal medida está de acordo com a visão de parte da comunidade escolar, que viam na “norma uma forma de exclusão daqueles alunos que não se encaixam em determinado padrão.” (COLÉGIO PEDRO II, 2015)

Outra forma de acolhimento é o Setor de Assistência Estudantil que tem como atribuição a realização de programas, projetos e ações com base no Decreto 7.234/2010<sup>7</sup>. O setor visa promover condições de permanência dos estudantes na escola, evitando reprovações e abandono. Suas ações envolvem o atendimento psicossocial dos discentes e de suas famílias, bem como a publicação de editais de auxílios que concedem apoio financeiro e material aos alunos, ajudando na complementação de despesas com o uniforme, material escolar, livros paradidáticos, atividades acadêmicas, saídas pedagógicas, entre outros.

Dessa forma, anualmente são publicados editais para a realização de processo seletivo interno de estudantes da educação básica para obterem auxílio emergencial, auxílio óculos/lentes e auxílio permanência. Além do auxílio uniforme e de material escolar que contempla a aquisição de livros de Francês e Sociologia, não ofertados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Ainda há concessão de auxílios tecnologias assistivas e acessibilidade para estudantes com deficiência física, dando apoio financeiro para aquisição de materiais de ajuda técnica que possam minimizar suas limitações. (COLÉGIO PEDRO II, 2018)

Um espaço importante para o acolhimento dos estudantes e seus familiares é o Setor de Orientação Educacional e Pedagógica (Soep), antigo Sesop, que participa do planejamento, desenvolvimento e avaliação do processo ensino-aprendizagem em conjunto com as coordenações pedagógicas, chefias de departamento e demais setores do colégio.

O Soep é responsável pela mediação entre docentes, discentes, familiares e órgãos oficiais, como Ministério Público, Varas da infância, profissionais da saúde e outros. (FARAH; SILVA, 2017). Algumas atribuições do setor retiradas da página virtual do campus *Tijuca II* são:

---

<sup>7</sup> Decreto do governo federal que trata do Plano Nacional da Assistência Estudantil (PNAES).

Acompanhar o desenvolvimento e o desempenho dos estudantes;  
Realizar atendimentos individuais e/ou coletivo dos estudantes;  
Realizar atendimento aos responsáveis, quando necessário;  
Orientar os estudantes quanto à rotina de estudos, reforço escolar, e resolução de problemas;  
Promover o diálogo e integração entre os alunos e a escola;  
Mediar os conflitos e orientar sobre condutas inadequadas;  
Informar e orientar os alunos quanto aos projetos e convênios com outras instituições. (COLÉGIO PEDRO II, sem data)

A partir da parceria com o corpo docente e com as coordenações de disciplina, o Soep desenvolve ações específicas para estudantes em situações de risco, inclusive intrafamiliar, e/ou vulnerabilidade social, tomando medidas como “justificativas de faltas específicas, planos de estudos especiais e calendários especiais de provas, e, quando viável, regime especial de estudos com a disponibilização de aulas na residência ou no hospital.” (FARAH; SILVA, 2017, p. 53)

O colégio também conta com o Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (Napne), criado em 2012, encarregado de oferecer suporte educacional e atendimento pedagógico especializado aos estudantes com dificuldades na trajetória escolar de modo a incluí-los nos espaços e nas atividades do Colégio Pedro II, buscando desenvolver suas competências e habilidades.

O contexto do surgimento desse setor está intimamente ligado as políticas fomentadas pelo governo federal no âmbito de inserção dos estudantes na escola pública, através do Ministério da Educação, e com apoio da Seção de Educação Especial (SEE) no Colégio Pedro II, que possibilitou a implementação desse núcleo em cada *campus* do colégio. Sua missão fundamental é lutar pela acessibilidade dos estudantes com necessidades de qualquer natureza. (FARAH; SILVA, 2016)

O Napne tem como papel investigar as possíveis causas das dificuldades apresentadas pelos discentes, bem como assegurar a permanência e a inclusão dos mesmos, elaborando “recursos de acessibilidade física, de comunicação, de tecnologias assistivas e didático-pedagógicos, considerando as necessidades específicas de cada estudante acompanhado pelo setor.” (COLÉGIO PEDRO II, 2019)

O Projeto Institucional Classes de Adequação Idade Série (CAIS) também foi uma importante ação que identificamos enquanto dinâmica de acolhimento no colégio. Tinha objetivo de oferecer aos estudantes com defasagem idade/série um ambiente diferenciado de aprendizado, sanando o problema daqueles que estão em séries que não

condizem com suas faixas etárias por motivos de retenção em uma ou mais séries durante a trajetória escolar. (COLÉGIO PEDRO II, 2019)

Criado em 2018, foi implementado nos campi São Cristóvão II e Engenho Novo II, com turmas de ensino fundamental, funcionou até o ano seguinte, quando as demandas para sua criação foram sanadas. Vale ressaltar que o projeto aconteceu a partir das especificidades de cada *campus*, atuando de forma pontual, não sendo institucionalizado em todos os *campi* do Colégio Pedro II.

No entendimento de Couto (2016), com o fim da jubilação o número de estudantes retidos aumentou consideravelmente. Tal afirmação nos leva a questionar se o fim da jubilação e, por conseguinte, o aumento de estudantes retidos, está associado a necessidade de criação do Projeto CAIS para readequação idade/série dos discentes com repetidas reprovações.

O Colégio Pedro II conta com diversos laboratórios e núcleos em todos os *campi* propiciando aos estudantes a experimentação da pesquisa científica e dos debates acadêmicos no interior da escola, associando teoria e prática, desde os anos iniciais do ensino fundamental aos anos finais do ensino médio. (COLÉGIO PEDRO II, 2018)

Vale ressaltar também a existência de projetos associados às diretorias de pesquisa, extensão, culturas e pós-graduação. Nesse caso, destacamos a atuação do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI/CPII)<sup>8</sup>, núcleo de pesquisa vinculado a Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC), criado em 2013, e responsável por “promover a produção e a disseminação do conhecimento por meio do ensino, da pesquisa e da extensão, no desenvolvimento de políticas de diversidade étnico-racial, estimulando a igualdade e a valorização das populações de origem africana e indígena.” (COLÉGIO PEDRO II, 2018, p. 344)

O Colégio Pedro II conta com diversos núcleos e grupos de pesquisa, fomentando essa iniciativa a partir de editais internos para docentes e discentes da instituição. Assim, a instituição possui núcleos, grupos e projetos que abrangem todos os *campi*, como NAPNE, NEABI, NEPAG<sup>9</sup>, NUTH<sup>10</sup>, entre outros, além daqueles que são criados a partir das demandas dos discentes e docentes de cada *campus*, como é o caso do Grupo de Estudos da Diversidade de Gênero, criado em São Cristóvão III.

---

<sup>8</sup> Recentemente a sigla do núcleo se alterou, acrescentando um “i” no final. Se tornando assim o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI).

<sup>9</sup> Núcleo de Estudos e Pesquisas Audiovisuais em Geografia.

<sup>10</sup> Núcleo Transdisciplinar de Humanidades.

São tantos núcleos, projetos e grupos de estudo que só a partir da análise deles poderiam surgir inúmeras pesquisas. No entanto, vamos destacar aqui a importância do NEABI por acreditar no pioneirismo de suas ações voltadas para as questões raciais dentro do colégio. Em 2015, o núcleo foi contemplado com a 10ª Edição do prêmio “Construindo a Igualdade de Gêneros”, com o projeto “Mulheres Negras: Desconstruindo estereótipos”, que problematizou o racismo, o machismo, o sexismo e temáticas relacionadas à cultura eurocêntrica de beleza. (COLÉGIO PEDRO II, 2018, p. 345)

A base para criação do núcleo foi a Lei 10.639/2003<sup>11</sup>, que trata da inclusão da história e cultura afro-brasileira e africana nos currículos escolares. Silva (2015) pontua que após a criação desse espaço diversas atividades tratando da temática racial foram incorporadas ao calendário escolar. Para ela: “Atividades com esse propósito são importantes, pois oportunizam o debate sobre a questão racial no contexto escolar e contribuem para o combate da discriminação, preconceito e racismo.” (SILVA, 2015, p.82)

Um grande avanço em relação às questões de gênero no colégio foi a adoção do uniforme unissex, que acabou com a distinção masculino e feminino. Tal medida teve como ponto de partida a ação do movimento estudantil nos diversos *campi* do Colégio Pedro II que apontaram para a abolição da distinção de gênero no uniforme como um dos itens a ser reformulado no Código de Ética Discente. (COLÉGIO PEDRO II, 2016)

Através da Portaria nº 2.449/2016 o Colégio Pedro II institucionalizou o fim do uniforme escolar por gênero, “com o intuito de manter a igualdade, a identidade e a diversidade de seu corpo discente”. A ação ganhou destaque na imprensa e, segundo alguns servidores da instituição, não foi bem vista por uma parcela da comunidade escolar, gerando reclamações por parte de alguns responsáveis em relação ao uniforme não-binário.

Assim, percebemos que as dinâmicas que visam o acolhimento dos estudantes são diversas e vêm crescendo ao longo das últimas décadas na tentativa de democratizar o ensino do colégio. Nesse sentido, a comunidade escolar e todo o corpo técnico, docente e discente da instituição têm grande relevância, ao pautar as demandas necessárias para fazer com que a escola se torne um lugar mais acolhedor e inclusivo.

---

<sup>11</sup> Altera a Lei nº 9.394/1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, incluindo no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”.

### 3.3 Dinâmicas de exclusão

Todas as dinâmicas institucionais apontadas nesse trabalho são frutos de observações realizadas *in loco* e das leituras de trabalhos acadêmicos que versam sobre a temática, denunciando as desigualdades e violências ainda reproduzidas no interior da escola<sup>12</sup>, mais especificadamente, no processo de formação de estudantes do Colégio Pedro II. Partimos do conceito de capital cultural, de Pierre Bourdieu (1998) para entender de uma forma mais ampla como os processos institucionalizados em uma tradicional instituição de ensino podem reproduzir desigualdades.

O capital cultural seria apreendido pela relação família/criança e teria total relação com o bom desempenho escolar, pois segundo as pesquisas realizadas pelo sociólogo francês, o número de “bons alunos” aumenta conforme a renda de suas famílias.

Para ele, os fatores que podem ser analisados para a compreensão da relação capital cultural e desempenho escolar dos estudantes são diversos, tais como: profissão dos pais, local onde moram, conhecimentos culturais (música, dança, pintura, teatro). Bem como os desempenhos escolares anteriores e o saber cultural acumulado pelos antepassados familiares, fatores essenciais principalmente quando se trata de avaliar as diferenças dentro de famílias de classes altas que tem filhos com desempenhos diferentes. (BOURDIEU, 1998)

Portanto, podemos afirmar que a valorização do conhecimento e da educação na vida das crianças ocorre inicialmente por iniciativa dos pais, que são influenciados não só por sua herança cultural, mas também pelo meio social e, principalmente, pelas possibilidades financeiras de cada família. Nessa lógica, as famílias das classes populares estão limitadas às condições objetivas de sobrevivência, o que impossibilitaria a realização de determinados desejos.

---

<sup>12</sup> No que tange às questões raciais no colégio, nos calcamos nos trabalhos de Coutinho, Arruda e Oliveira (2021); Pio (2017, 2020, 2021); Hermes, Rodrigues, Santana e Lima (2017); Bastos (2014, 2017); Couto (2016); Silva (2015). Para tratar das desigualdades de gênero e sexualidade utilizamos as pesquisas de Julio (2017); Silva e Oliveira (2017); Rocha, Simas e Vargas (2017); Cerdera e Lima (2017). Para compreender a ação dos estudantes na resignificação das práticas escolares utilizamos as pesquisas de Peçanha (2018, 2021). Cardoso (2014) nos ajuda no entendimento acerca dos símbolos institucionais do colégio e como os mesmos são apropriados pelo corpo discente, de modo a transformá-los.

Assim, compreende-se por que a pequena burguesia, classe de transição, adere mais fortemente aos valores escolares, pois a escola lhe oferece chances razoáveis de satisfazer a todas as suas expectativas, confundindo os valores do êxito social com os do prestígio cultural. Diferentemente das crianças oriundas das classes populares, que são duplamente prejudicadas no que respeita à facilidade de assimilar a cultura e a propensão para adquiri-la, as crianças da classe média devem à sua família não só os encorajamentos e exortações ao esforço escolar, mas também um *ethos* de ascensão social e de aspiração ao êxito na escola e pela escola, que lhes permite compensar a privação cultural com a aspiração fervorosa à aquisição de cultura. (BOURDIEU, 1998, p.48)

Bourdieu (1998) afirma que os estudantes de famílias pobres encontram mais dificuldades ao longo de sua trajetória escolar, por não serem possuidores do capital cultural exigido pela instituição de ensino. Por isso, as chances de um filho de pais graduados ingressar em uma universidade é muito maior, se comparado com os filhos de pais que não concluíram a educação básica, por exemplo.

Assim, “a herança cultural, que difere, sob os dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pela taxa de êxito.” (BOURDIEU, 1998, p. 42)

O recorte de classes influencia nas oportunidades educacionais, fazendo com que as instituições tradicionais de ensino sejam ocupadas, em sua maioria, por estudantes de classes altas, devido ao seu recrutamento aristocrático. Dessa forma, as vagas das melhores escolas acabam sendo preenchidas pelas famílias de maior prestígio, demonstrando o caráter de reprodução da desigualdade social ainda presente nesses espaços educacionais de renome. (BOURDIEU, 1998)

A pesquisadora Cristina Galvão (2009) afirma que em um colégio calcado na tradição e no histórico escolar de sucesso, pouco se fala sobre os estudantes que ficaram pelo meio do caminho e não conseguiram concluir seus estudos na instituição. Nessa lógica, um dos mecanismos de exclusão mais antigo e popular institucionalizado pelo Colégio Pedro II foi a jubilação, uma exclusão consentida e naturalizada durante muitos anos.

Que, apesar de já ter sido extinguida, foi um ferramenta histórica de legitimação das desigualdades no Colégio Pedro II, ao expulsar os estudantes que reprovassem duas vezes a mesma série escolar. Em entrevistas com professoras Galvão (2009) ouviu a jubilação ser defendida como forma de dar continuidade ao “processo”, já que o problema da retenção é sempre dos estudantes, nunca do sistema de ensino que reprova.

Seu fim trouxe novas demandas para a instituição, como o aumento da defasagem ano/série e a necessidade de pensar novos projetos de reforço escolar e de inclusão para os estudantes que não conseguem obter o desempenho esperado pela instituição.

Galvão (2003) utilizou o conceito de capital cultural para analisar a trajetória de discentes jubilados no colégio. Na pesquisa realizada no *campus* São Cristóvão I a autora percebeu que mais de 60% dos estudantes jubilados vinham do Pedrinho, tendo ingressado na instituição através de sorteio. Assim, os discentes que apresentavam maiores dificuldades no percurso escolar e, por consequência, eram jubilados, tinham como origem famílias com menor poder aquisitivo. (GALVÃO, 2003)

A partir da pesquisa da autora supracitada, percebemos a jubilação como uma prática excludente que retirava da escola majoritariamente os estudantes que foram incluídos através do sorteio público de vagas e/ou das políticas de cotas. E revela também uma contradição presente nas dinâmicas escolares do Colégio Pedro II: a diferença entre o “Pedrão” (a partir do 6º ano, acesso através de prova) e do “Pedrinho” (anos iniciais e educação infantil, seleção por meio de sorteio público).

A transição de um para o outro ocorre com os estudantes que ingressaram através do sorteio e significa a passagem das classes dos anos iniciais para os anos finais do ensino fundamental. A diferença entre o “Pedrinho” e o “Pedrão” nos foi apontada em conversas informais com servidores e ex-servidores da instituição, os quais relataram as dificuldades que os discentes enfrentam com essa mudança, visto que a cobrança se intensifica e é necessário se adaptar às novas demandas de ensino.

Pio (2020) ressalta a existência de um estereótipo, ainda reproduzido por alguns servidores, em relação aos estudantes oriundos dos anos iniciais, como se eles fossem “problemáticos”, além de estarem menos preparados para a rotina de estudos exigida a partir do 6º ano, algo que os ingressantes através do concurso público já estariam mais acostumados.

E, como vimos anteriormente, o acesso ao Colégio Pedro II se dava majoritariamente através de provas de seleção para o 6º ano do ensino fundamental e 1º ano do ensino médio, o sorteio público de vagas só se institucionalizou após a criação dos Pedrinhos, mas ainda assim, apenas para os primeiros anos de ensino e para as turmas de PROEJA.

Dessa forma, as provas de seleção para ingressar no colégio se revelam como um dos primeiros obstáculos que os estudantes precisam enfrentar para fazer parte desta renomada instituição de ensino, caso não ingressem nos anos iniciais. E vale ressaltar,

assim como afirma Galvão (2009), que é um concorrido processo seletivo em que os melhores são escolhidos.

Ao ser entrevistada por Cristina Galvão (2009), uma ex-Diretora Geral rememorou que no *Campus* Centro o ingresso de estudantes se dava marcadamente por concurso e, por isso, os professores perceberam que o perfil estudantil estava cada vez mais parecido com o das escolas particulares, levando o colégio a um rumo elitizado pelo poder econômico.

Ainda segundo a ex-dirigente da instituição, o perfil elitizado do colégio só se modificou consideravelmente a partir dos anos 2000, com a adoção do sistema de cotas nos concursos para o 6º ano do Ensino Fundamental e o 1º ano do Ensino Médio, o que possibilitou o aumento da diversidade sociocultural entre os estudantes. (GALVÃO, 2009)

Na seleção, através de provas classificatórias, é de se esperar que as famílias com maior poder aquisitivo larguem na frente. Segundo Bastos (2017), a classe média sabe da importância de ter um filho em uma escola de renome, por isso faz diversos tipos de investimentos, desde professores particulares a cursos preparatórios para atingir este objetivo.

É possível afirmar que entrada no colégio através das provas de admissão faz com que o corpo discente, a partir do 6º ano, tenha um caráter mais seletivo. Seria então o sorteio público de vagas, para os anos iniciais do ensino fundamental e educação infantil, a solução para garantir uma maior diversidade socioeconômica e racial entre o corpo discente?

No entendimento de Bastos (2017) a resposta seria negativa, pois o ingresso através de sorteio público pode não ser tão fácil quanto parece. Para ela, a seletividade e a reputação do Colégio Pedro II acabam afastando determinados estudantes do processo seletivo, gerando um número reduzido de candidatas oriundas da rede pública de ensino. Percebendo que “a população que enfrenta maior desigualdade é também a que menos se inscreve.” (BASTOS, 2017, p. 144).

A autora ainda aponta alguns fatores que poderiam contribuir para a baixa adesão por parte de estudantes vindos da rede pública, tais como: a divulgação do prazo de seleção, que acaba ficando restrito às páginas virtuais do colégio ou de redes sociais e jornais especializados em concursos, além da dificuldade com o próprio edital, suas

exigências e todo o processo de inscrição, o qual ocorre em ambiente virtual.<sup>13</sup>  
(BASTOS, 2017)

Cabe considerar que, embora a reconhecida qualidade do ensino do CP2 seja de ampla divulgação nos meios midiáticos, reforçada pela sua posição nos rankings das escolas médias, de maneira geral, são as famílias culturalmente favorecidas as mais propensas à “escolha” de escola com esta alta reputação. Isso fica evidente quando se olha o número de candidatos inscritos provenientes das escolas particulares que chega a ser quatro vezes maior do que os de escola pública. (BASTOS, 2017, p. 144)

A citação supracitada foi feita a partir do olhar de Bastos (2017) sobre a relação de inscritos por rede de ensino nos concursos de 2012/2013 a 2014/2015, ao identificar que mais de 80% dos estudantes inscritos eram oriundos da rede particular de ensino e que esse padrão se manteve nos demais períodos analisados.

Coutinho, Arruda e Oliveira (2021) analisaram os editais de admissão entre 2020 e 2021 para segmentos da educação básica e perceberam que “mesmo com a adoção de cotas sociais por origem escolar nos concursos de admissão de alunos a partir do 6º ano de escolaridade e de cotas raciais e socioeconômicas para o Ensino Médio, essas medidas modificaram muito pouco o perfil da instituição.” (COUTINHO; ARRUDA; OLIVEIRA, 2021, p. 13)

Com base na análise das informações disponibilizadas pela Seção de Planejamento e Pesquisa Institucional (DGC/PRODI) do Colégio Pedro II sobre o perfil discente dos anos de 2014 a 2019, pesquisadores consideraram que “o quantitativo de alunos brancos no colégio é expressivamente superior ao de alunos de outras cores/raças e cresce a cada ano, com exceção de 2019.” (COUTINHO; ARRUDA; OLIVEIRA, 2021, p. 11)

Para os autores, quando se trata da questão cor/raça, há uma semelhança entre o perfil discente das etapas iniciais da educação básica e dos anos finais de ensino, o que rompe com a visão de que o acesso através do sorteio seria muito mais diversificado em relação às provas de seleção. E destacam os *campi* do Humaitá e Tijuca, os quais apresentaram maior disparidade no percentual entre brancos e negros, em contraposição aos *campi* localizados em Engenho Novo, Realengo e São Cristóvão, que demonstraram índices mais equitativos (COUTINHO; ARRUDA; OLIVEIRA, 2021)

---

<sup>13</sup> Nesse ponto Bastos (2017) destaca a ação do colégio que disponibilizou um computador no prédio da Reitoria para os candidatos que estivessem com dificuldades no acesso à rede digital, mas acredita não ser suficiente.

Tais questões trazem a tona a problemática do racismo estrutural que atravessa todas as relações sociais na sociedade brasileira e que contribui para alijar estudantes negros do processo educacional (GOMES, 2017; ALMEIDA, 2018). Principalmente nas instituições de ensino tradicionais, reconhecidas através de seu histórico renomado, como bem pontua Bastos (2017) acerca do Colégio Pedro II.

Nesse contexto, o ingresso através das cotas foi um importante avanço em direção à democratização do acesso ao ensino do Colégio Pedro II. Silva (2015) afirma que as ações afirmativas possibilitaram o ingresso de estudantes negros em instituições que antes não lhes era acessível, fomentando o debate acerca do racismo e do preconceito racial, que durante muito tempo foi silenciado nos ambientes escolares.

Mas ainda não é suficiente, ainda há um longo caminho de reparação histórica para a população negra dentro da instituição, visto que o caráter racial das cotas no colégio só se deu após a Lei 12.711/2012, que teve como principal critério a seleção dos estudantes por origem escolar, não dando destaque ao recorte racial e restringindo sua atuação ao Ensino Técnico e médio. (COUTINHO; ARRUDA; OLIVEIRA, 2021)

Por esse motivo a Lei de Cotas apresenta algumas fragilidades no tocante ao critério de seleção por ter “escamoteado a primazia do aspecto racial, diluindo-o no aspecto social, uma vez que o critério de cor/raça se encontra atrelado à exigência de que o estudante seja egresso de escola pública”. (COUTINHO; ARRUDA; OLIVEIRA, 2021, p. 5).

Ao entrevistar professores e gestores do *campus* São Cristóvão III para entender como estava sendo implementado o sistema de cotas com ênfase no recorte racial, Silva (2015) percebe que os mesmos não sabiam quem eram os estudantes que ingressavam pelas cotas raciais, pois o que lhes era informado se restringia ao fato do discente ser proveniente de escola pública ou não. Mas que mesmo não sabendo identificar quem eram os estudantes cotistas, haviam menções acerca de possíveis dificuldades que eles poderiam vir a ter.

Por fim, percebemos, nos depoimentos de G1 e P2, a recorrente associação do aluno cotista a dificuldades cognitivas. P2 é enfático ao afirmar que “não é pelo fato do aluno vir pelo sistema de cotas que vou aliviar a turma”. A provável dificuldade cognitiva dos cotistas aparece como uma questão forte nos depoimentos, embora não tenham sido indagados por isso. (SILVA, 2015, p. 119)

Segundo a análise da autora, desconhecer quem são os estudantes cotistas, mas ainda assim lhes imputar certas dificuldades, revela uma ação de reprodução do

preconceito, pois não é possível determinar os problemas de cotistas se os mesmos não são identificados ou reconhecidos pelos servidores da instituição. Outra questão está relacionada ao fato de que desconhecer a origem dos estudantes pode dificultar na elaboração de práticas pedagógicas que também contemplem esse grupo. (SILVA, 2015)

Por isso, é necessário cada vez mais aumentar o acesso e a permanência de estudantes não-brancos dentro do colégio, bem como garantir treinamentos e formações continuadas para que todos os servidores da instituição possam se conscientizar acerca do racismo estrutural e da necessidade das políticas afirmativas na escola.

Outra questão que poderia ser tratada com mais afinco é o registro acerca do pertencimento étnico-racial. Pio (2020) relatou dificuldades em obter dados sistematizados no colégio acerca do pertencimento étnico racial dos estudantes. Problema também apontado por Hermes, Rodrigues, Santana e Lima (2017), ao analisar a trajetória de estudantes negros/as no *campus* Realengo.

Os autores encontraram dificuldades na seleção dos entrevistados, pois a escola não possuía um banco de dados confiável, no que se refere ao pertencimento étnico-racial. Isso ocorreu porque o questionário respondido pelas famílias no ato da matrícula indica que a declaração de raça é facultativa e por isso 50% dos estudantes não responderam à questão. (HERMES, RODRIGUES, SANTANA; LIMA, 2017)

É possível identificar outras dinâmicas que dificultam as trajetórias estudantis quando olhamos mais atentamente para o cotidiano escolar da instituição, como a cobrança em relação ao horário de entrada dos estudantes e ao uso correto de todas as peças do uniforme, bem como a tensão na semana de provas, que gera um clima de ansiedade entre o corpo discente na busca por um bom rendimento.

A cobrança escolar e a pressão por um bom rendimento, faz com que muitos estudantes precisem de aulas particulares para dar conta do conteúdo e ter um bom desempenho nas avaliações. Galvão (2009) também é uma das muitas professoras que afirmaram que os estudantes que passam “direto”, sem precisar de recuperação, geralmente são aqueles que estudam por fora.

Tais dinâmicas estão relacionadas às práticas do colégio, foram apontadas em entrevistas informais e identificadas a partir de observações calcadas no “chão da escola” e nos documentos oficiais da instituição que sistematiza as regras de funcionamento do colégio.

Segundo a Portaria 3.638/19 o uso do uniforme escolar completo é obrigatório para o corpo docente de todos os *campi*, inclusive da educação infantil do Colégio Pedro II. Na documento é possível consultar cada item do uniforme detalhadamente, inclusive as peças que compõem as vestimentas para a educação física, além das providências acerca do horário de entrada dos discentes.

O oitavo artigo trata da tolerância, de até 10 minutos, para a chegada no *campus* para o 1º turno, após esse limite o estudante é considerado atrasado e só pode entrar no início do segundo tempo de aula, após esse período não é mais permitida a entrada. Os atrasos são registrados pela Coordenação de Disciplina do *campus*, sendo tolerados no máximo três atrasos por mês. No terceiro atraso é aplicada uma advertência com comunicação ao responsável legal e no quarto atraso é feita a convocação do responsável na escola. A pontualidade também é verificada nos demais turnos e após o recreio. (COLÉGIO PEDRO II, 2019)

O impedimento de entrar no colégio por motivos referentes ao uniforme ou por questões de atraso são reclamações constantes dos estudantes, que inclusive podem ser verificadas na página virtual “Não é normal CP2”.

## **4 POR DENTRO DO CP2**

### **4.1 “Não é normal CP2”**

Essa pesquisa partiu do interesse na percepção dos estudantes acerca das dinâmicas escolares que se apresentam de forma acolhedora e excludente ao longo da formação escolar no Colégio Pedro II. Para isso, elaboramos um questionário objetivando entender melhor as trajetórias estudantis, mas não foi possível aplicá-lo.<sup>14</sup>

Dessa maneira, na tentativa de nos aproximar ao máximo das demandas pautadas pelo corpo discente do colégio nos últimos anos, nos debruçamos sobre as postagens da página virtual “Não é normal CP2”. Criada em janeiro de 2017, no *Facebook*, como “meio de denúncia e exposição dos problemas relacionados à opressão e preconceito no colégio”.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> Não foi possível aplicá-lo por motivos de tempo hábil, principalmente após a instauração do período de calamidade pública devido a Covid-19. No entanto, o documento pode ser consultado nos anexos desse trabalho.

<sup>15</sup> Trecho retirado da descrição da página “Não é normal – CP2”. Disponível em: <https://www.facebook.com/Naoenormalcp2/>

A página reúne o total de 16 postagens, sendo 12 no formato de crítica anônima, sem fazer referência em quais *campi* o problema teria ocorrido. Os questionamentos levantados pelos estudantes são diversos e passam por problemas relacionados ao uso do uniforme escolar e a rigidez das regras do colégio, que são impostas sem atender as especificidades de todo o corpo discente.

Também há questões referentes à necessidade de compreensão da realidade dos estudantes que fazem um longo trajeto para chegar na escola, através de transporte público e, muitas vezes, chegam após o horário permitido. E que, por isso, são mandados de volta para casa e acabam perdendo todas as aulas do dia.

Os apontamentos feitos aqui estão calcados nas análises da professora-pesquisadora Valéria Peçanha (2018), em “Não é normal, CP2: redes sociais e reivindicações estudantis no Colégio Pedro II”. Neste artigo, ela analisou quatro publicações da página virtual, sendo três escritas e uma imagem com símbolos, palavras e cálculos. A primeira versa sobre o horário de entrada dos estudantes e a problemática do atraso, mesmo para aqueles que moram distante. A segunda fala sobre o assédio docente e a terceira trata das crises de ansiedade devido ao período das avaliações.

Nesta análise tratamos apenas das considerações realizadas pela pesquisadora supracitada no que tange às quatro publicações selecionadas pela mesma, pois percebemos que as temáticas problematizadas pelos estudantes em ambiente virtual e trazidas por Peçanha (2018) são questionamentos recorrentes, que também nos foram apontados por ex-estudantes e servidores da instituição em conversas informais e agendadas.

As críticas em relação à forma como a instituição lida com os atrasos são inúmeras e apontam para a necessidade de um olhar diferenciado para os estudantes que moram distante e que atrasam no horário da chegada por causa do transporte público.

Não é normal o aluno ser impedido de assistir todas as aulas do dia porque ele chegou atrasado na primeira. Não é normal um adolescente ter que se preocupar com vestibular, com a escola, se matar de estudar, perder horas de sono e ser impedido de assistir aula porque chegou no segundo tempo (talvez porque ele tenha estudado até tarde e tenha perdido a hora por isso). Não é normal o aluno chegar atrasado na escola e a direção, sem nem perguntar o motivo do atraso, mandá-lo pra casa. Não é normal o aluno perder 7 ônibus indo pra escola, chegar atrasado e por isso ser impedido de assistir aula. Não é normal aluno ter que estudar até 3h da manhã para as massivas provas da escola e do vestibular, ter que acordar 05:30 e não poder chegar 10 minutos depois do horário na escola sem receber atraso. Que tipo de educação que pretender ser inclusiva e priva o aluno de assistir aula? Que ensino é esse que me obriga sair de casa sem tomar café da manhã pra conseguir chegar no horário? Eu tomo banho ou como alguma coisa? E aquela vez que você teve

que correr no meio da rua pra conseguir chegar na hora? Será que isso é saudável? Crises de ansiedade? Vish...Mas porque isso? As vezes bate uma dúvida se estou na escola pra ter uma educação de qualidade ou se ela está me amaciando para o mercado de trabalho como um porco para o abate. Afinal, estamos numa empresa onde o patrão desconta do seu salário se você chegar atrasado (ele é capitalista, obviamente, não quer perder o lucro dele) ou estamos numa escola? (Publicação da página *Não é normal – CP2* de 06 de abril de 2017, com 48 curtidas, 6 comentários e 67 compartilhamentos. Disponível em: <https://www.facebook.com/Naoenormalcp2/>)

A dificuldade de chegar na escola é uma realidade para muitos estudantes que moram em regiões distantes e dependem de poucas formas de condução para fazer o trajeto casa-escola. Peçanha (2018) pontua a questão dos problemas de mobilidade urbana encontrados nas grandes metrópoles, como o Rio de Janeiro, que a cada dia parecem ter um trânsito mais intenso, dificultando o deslocamento de discentes que necessitam pegar ônibus para realizar seu trajeto até o local de estudo.

Percebemos nas críticas publicadas na página “Não é normal CP2” que a cobrança do horário de entrada é feita sem levar em consideração a realidade de todos os estudantes. Quem chega atrasado ganha um registro na carteirinha e após três registros o responsável tem de ir à escola para pegar a carteirinha do estudante, que fica retida pelo servidor do colégio e, assim, garantir sua entrada na instituição.

Nesse sentido, destacamos a importância da gestão escolar estar atenta para as especificidades dos estudantes que sofrem com o problema de atraso por morarem em cidades vizinhas ou bairros distantes, evitando que os mesmos possam ser prejudicados, ao não poderem frequentar as demais aulas do dia.

Outra publicação selecionada está relacionada a um dos maiores dramas para os estudantes do Colégio Pedro II, as avaliações. Verificamos que com a aproximação do período de provas o clima do colégio vai se alterando, fazendo com que os estudantes fiquem ansiosos e extremamente preocupados com a quantidade de avaliações.

No entendimento de Bourdieu (1998) as instituições de ensino tradicionais têm uma cobrança em nível de excelência, assim as avaliações tendem a ser exigentes, selecionando apenas os estudantes realmente “capazes” de continuar e concluir seus estudos nesses espaços.

Eu tenho crises de ansiedade e pânico por causa da minha escola. Até quando isso será normal? Há 41 horas que eu não durmo e nem sei quando vou conseguir já que amanhã tenho prova de desenho geométrico e geografia, na sexta tenho química e português e no sábado eu tenho biologia e história. Talvez no domingo eu descanse, ou talvez eu só estude para as provas de

segunda: filosofia e inglês. (Publicação da página Não é normal – CP2 de 8 de março de 2017 com 34 curtidas, 2 comentários e 22 compartilhamentos. Disponível em: <https://www.facebook.com/Naoenormalcp2/>)

Atrelado à alta cobrança nas avaliações, que parecem determinar os estudantes aptos a permanecerem no colégio, está o assédio de docentes sobre os discentes. Professores que ridicularizam os estudantes com menor rendimento escolar e distorcem a prática educativa, ao constrangerem aqueles que obtêm as menores notas. Estabelecendo uma verticalidade na prática docente e difundindo uma educação essencialmente conteudista, que não dialoga com o próprio Projeto Político Pedagógico (2018) do colégio, que se diz voltado para a formação humana.

Podemos visualizar um pouco da questão do assédio docente na publicação da página *Não é normal – CP2*, do dia 11 de janeiro de 2017, com 45 curtidas, 2 comentários e 15 compartilhamentos. “Não é normal que os professores corrijam as provas dos alunos e ridicularizem suas respostas em frente à turma.” (Página *Não é normal – CP2*. Disponível em: <https://www.facebook.com/Naoenormalcp2/>)

Esse tipo de assédio docente em relação aos estudantes se legitima na Educação Tradicional e Bancária denunciada por Paulo Freire (1987), a qual enxerga o estudante como apenas um “aluno”, um ser sem luz, um receptáculo vazio que deve ser preenchido pela figura do professor, grande detentor do conhecimento. Neste modelo, o conhecimento não se constrói no processo ensino-aprendizagem, pois ele já está dado, cabendo ao docente a missão de transmiti-lo.

Pierre Bourdieu afirma que a escola exige e transmite uma cultura aristocrática, com a utilização da linguagem universitária por parte dos professores na transmissão de uma cultura consagrada, pois “os professores partem da hipótese de que existe, entre o ensinante e o ensinado, uma comunidade lingüística e de cultura, uma cumplicidade prévia nos valores, o que só ocorre quando o sistema escolar está lidando com os seus próprios herdeiros.” (BOURDIEU, 1998, pp. 55-56)

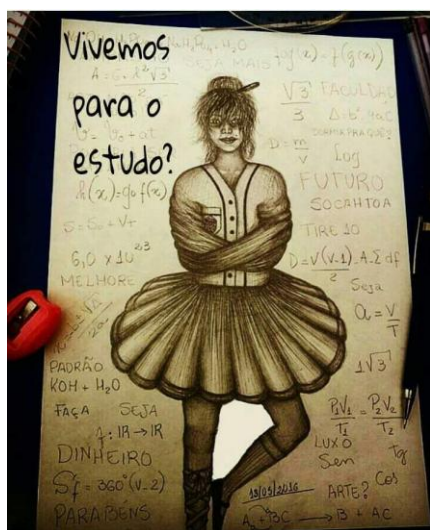
Dessa forma, o sistema de ensino tradicional só funcionaria perfeitamente ao selecionar os educandos capazes de corresponder às exigências do próprio sistema. Assim, garante-se o êxito dos estudantes que possuem o capital cultural “legítimo” e anterior à escola, favorecendo aqueles que já estariam preparados para as demandas educacionais. (BOURDIEU, 1998)

Nesse contexto, as obras de Paulo Freire e Bell Hooks são essenciais para que possamos pensar a educação e a linguagem como ferramentas de interpretação e análise do mundo, em oposição à educação tradicional que tem um formato limitado e alienante. Construindo uma prática educativa que dialogue com a realidade dos estudantes e com o meio em que estão inseridos, além de desenvolver práticas pedagógicas que atendam as demandas estudantis em sua totalidade, já que a “leitura do mundo precede a leitura da palavra.” (FREIRE, 1989)

As palavras são geradoras de imagens, mas uma única imagem é capaz de comunicar mais do que uma combinação de palavras, suscitando diversos questionamentos e reações. A última publicação selecionada é considerada a mais marcante<sup>16</sup>, pois traz diversos símbolos e problemas já apontados até aqui, possibilitando uma infinidade de interpretações acerca dos elementos que podem contribuir para exclusão de estudantes no Colégio Pedro II.

A publicação é um desenho feito por uma ex-estudante em 2016, à época ela estava concluindo seus estudos em um *campus* da instituição. Na imagem são destacados símbolos importantes para o colégio, como o uniforme, o Hino dos Alunos, além de equações matemáticas e palavras de ordem, em uma composição cênica que faz alusão à loucura, às práticas opressivas da instituição e de censura do movimento, da liberdade.

**Figura 1 - Vivemos para o estudo?**



<sup>16</sup> De todas as publicações essa foi a mais marcante para mim, pois além de professor também sou ator e bailarino. O desenho questiona a letra do Hino dos Alunos e a própria ideia do que deve ser valorizado e aprendido pelos estudantes. A palavra “arte” é seguida de uma interrogação, como se houvesse um questionamento acerca da relevância da mesma diante de tantas demandas e necessidades a serem cumpridas para se formar no colégio. As demandas são tão grandes que fazem do próprio uniforme uma camisa de força, que aprisiona e controla o corpo de uma bailarina do CP2.

Fonte: Publicação da página *Não é normal – CP2* de 10 de janeiro de 2017, com 82 curtidas, e 37 compartilhamentos. Disponível em: <https://www.facebook.com/Naoenormalcp2/>

No desenho vemos uma estudante com o uniforme do Colégio Pedro II, mas sua blusa é uma camisa de força e sua saia lembra um tutu de ballet. Seus olhos cheios de olheiras se confundem com o cabelo bagunçado de onde sai um coque, também nos remetendo à figura de uma bailarina.

Na descrição da publicação foi feita seguinte crítica: “Não é normal não ter tempo para exercícios físicos ou projetos pessoais!”. Nos chama à atenção a palavra *arte*, no canto direito inferior da imagem, única acompanhada de um ponto de interrogação, revelando o questionamento presente em relação à possibilidade de se dedicar a outras atividades para além de “viver para os estudos”.

Ao redor da estudante-bailarina também visualizamos palavras de ordem como *melhore, padrão, faça, seja mais*, além de fórmulas matemáticas construindo um mundo próprio dessa estudante que precisa dar conta de tantas demandas ao ponto de ter uma aparência doentia, cansada e triste.

Já apontamos como o Hino dos Alunos, um dos principais símbolos do colégio, constrói uma personificação dos estudantes ideais para o Colégio Pedro II, caracterizados como soldados da ciência que devem viver para os estudos. Assim, a narrativa oficial da instituição estabelece um padrão do discente desejado, aquele que obtêm as melhores notas e que “busca no saber, a perfeição suprema”.

O que dialoga com a visão de Pierre Bourdieu acerca das instituições tradicionais de ensino e sua tendência de conservação da ordem social burguesa:

Seria, pois, ingênuo esperar que, do funcionamento de um sistema que define ele próprio seu recrutamento (impondo exigências tanto mais eficazes talvez, quanto mais implícitas), surgissem as contradições capazes de determinar uma transformação profunda na lógica segundo a qual funciona esse sistema, e de impedir a instituição encarregada da conservação e da transmissão da cultura legítima de exercer suas funções de conservação social. Ao atribuir aos indivíduos esperanças de vida escolar estritamente dimensionadas pela sua posição na hierarquia social, e operando uma seleção que – sob as aparências da equidade formal – sanciona e consagra as desigualdades reais, a escola contribui para perpetuar as desigualdades, ao mesmo tempo em que as legitima, (BOURDIEU, 1998, p. 58)

Todavia, não podemos ser ingênuos de atribuir à escola apenas uma mera função de reprodutora das desigualdades, já que as contradições na educação são inerentes ao próprio sistema de ensino das sociedades ocidentais e capitalistas em que estamos

inseridos, como bem apontamos no início desse texto. Como diz Paulo Freire, “o mundo não é, o mundo está sendo”, esperar nas salas de aula se faz necessário para garantir na prática educativa uma ferramenta de leitura do mundo e, por isso, de libertação.

A página “Não é normal CP2” é fruto de uma geração de estudantes que não se calou diante das opressões e violências sofridas durante o processo de escolarização em umas das mais renomadas instituições públicas de ensino básico do Brasil. Nela podemos identificar diversas denúncias e críticas acerca de algumas das dinâmicas excludentes presentes no Colégio Pedro II, segundo a visão do corpo discente

Assim, as publicações dos estudantes refletem “um processo mais amplo de transformações da cultura institucional motivado pela ação estudantil.” (PEÇANHA, 2018, p. 124). E permitem a construção de novas práticas escolares pautadas pelas demandas estudantis e por toda comunidade escolar.

Nesse sentido, o ambiente escolar se revela como um espaço de disputas, de um lado a narrativa oficial do Colégio Pedro II, de outro a ação dos sujeitos que compõem essa instituição, em constantes lutas por mudanças e deslocamentos na cultura institucional do colégio. (PEÇANHA, 2021)

Demonstrando o caráter dual do próprio sistema de ensino, pois “sob essa ótica, a escola não pode ser somente vista como estrutura da reprodução de opressões e desigualdades, mas principalmente como um espaço em que das experiências de opressão são elaboradas resistências e disputas dos sentidos da Educação.” (PEÇANHA, 2018, p.126)

Portanto, ao passo que podemos identificar diversas dinâmicas excludentes dentro do Colégio Pedro II, é preciso pontuar que boa parte dessas práticas foram apontadas pelos próprios estudantes na página “Não é normal CP2”, no *Facebook*. Demonstrando como o colégio é capaz de acolher e excluir simultaneamente, através não só de suas dinâmicas institucionalizadas, mas também da ação dos sujeitos que movimentam as estruturas desta instituição.

Apesar das breves postagens num intervalo curto de tempo, podemos perceber um senso de organização e de resistência ao sistema opressor criticado na página, espaço no qual o corpo discente demonstra seus descontentamentos, não só com o colégio, mas com toda a estrutura de desigualdades encontrada dentro do sistema educacional.

Nesse contexto, vale ressaltar que as redes sociais se tornaram uma forma efetiva de organização e mobilização da política no século XXI, disponibilizando ferramentas

virtuais para chamar à atenção da sociedade para casos de violência e opressão, silenciados por muito tempo.

Em relação à página “Não é normal CP2”, os estudantes utilizaram o espaço da internet como local de grande visibilidade para suscitar mudanças necessárias nas práticas escolares do Colégio Pedro II, denunciando opressões e autoritarismos que ainda estão presentes no processo de escolarização de crianças e adolescentes desta instituição.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho buscou suscitar reflexões acerca das dinâmicas acolhedoras e excludentes presentes nas trajetórias de estudantes do Colégio Pedro II. Problematizamos tais dinâmicas à luz das teorias de Pierre Bourdieu (1998), de sua visão acerca das instituições de ensino tradicionais e com base na revisão bibliográfica já mencionada.

Analisamos o colégio através de sua formação histórica, desde a fundação até as formas de ingresso, levando em consideração o caráter de êxito da instituição e sua importância para a história da educação pública brasileira. Consideramos o contexto histórico no qual o colégio foi criado, permeado de desigualdades no sistema educacional, inerentes a própria sociedade ocidental e capitalista em que ainda estamos inseridos.

Nesse ponto, sinalizamos o caráter ideológico da educação e trazemos Pierre Bourdieu e Paulo Freire para chamar a atenção para marcadores distintos na prática educativa, que pode ser tão conservadora, garantindo a manutenção do *status quo*, quanto libertadora. Assim, ressaltamos o caráter ambíguo presente no sistema educacional ocidental, em que ambas as práticas convivem mutuamente, emancipando de um lado e excluindo de outro.

Identificamos tais práticas dentro do processo de escolarização do Colégio Pedro II e as denominamos de “dinâmicas” para facilitar a compreensão dos mecanismos de acolhimento e exclusão institucionalizados no interior do colégio e que afetam as trajetórias estudantis. Para isso, utilizamos trabalhos de pesquisadores que se voltaram para as trajetórias do corpo discente ao longo de anos de escolarização.

Devido à impossibilidade de levantar dados primários a partir de entrevistas com estudantes do colégio, nos calcamos essencialmente na revisão bibliográfica e na análise

de alguns documentos produzidos pela instituição. Assim, nos debruçamos sobre documentos institucionais, com o Hino dos Alunos e o Projeto Político Pedagógico, para entender o discurso institucional e o funcionamento do colégio.

Também analisamos a página virtual “Não é normal CP2”, com ajuda dos apontamentos de Valéria Peçanha (2018, 2021) para compreender como as ações dos estudantes se contrapõem ao discurso institucional, denunciando e ressignificando determinadas práticas seculares do colégio.

Percebemos a existência da idealização de um perfil de estudante “padrão CP2”, construído pela narrativa institucional e representado no Hino dos Alunos. Tal perfil dialoga com as características de formação da própria instituição, calcada no êxito e no alto desempenho escolar, o que gera uma maior cobrança para os estudantes, como foi apontado pelos mesmos na página “Não é normal CP2”.

Contudo, vimos que a ação dos discentes, bem como de servidores do colégio, fazem com que as práticas bicentenárias da instituição sejam revistas e repensadas na atualidade. Assim, entendemos que o colégio tem caminhado a largos passos em direção ao acolhimento de mais estudantes e desejamos que cada vez mais exigências e regras possam ser reavaliadas em diálogo com o corpo discente.

Buscamos suscitar novos debates e esperamos também que outras pesquisas possam preencher a lacuna que tentamos sanar acerca de produções que dêem protagonismo para os estudantes. Acreditamos na importância de entender a problemática do ambiente escolar a partir da percepção dos discentes, dando voz aos “subalternos”<sup>17</sup> do sistema de ensino.

Por fim, trouxemos muitas indagações, poucas certezas, mas muitas análises que podem e devem servir como base para mudanças estruturais dentro do colégio. Seja eliminando dinâmicas excludentes, fruto de sua própria formação histórica e do contexto sociocultural, seja ampliando as dinâmicas de acolhimento e inclusão na instituição.

---

<sup>17</sup> Ver “Pode o subalterno falar?”, de Gayatri Spivak.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte, MG: Letramento: 2018.

ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional.** São Paulo: Editora Ática, 1989.

BASTOS, Priscila da Cunha. **Política de cotas no Colégio Pedro II: Iniciando o debate.** Congresso internacional interdisciplinar em sociais e humanidades. Salvador, 2014, pp. 20-38. Disponível em: [aninter.com.br/02.BASTOS.pdf](http://aninter.com.br/02.BASTOS.pdf) Acessado em: 14 de dezembro de 2019.

BASTOS, Priscila da Cunha. **Lei de Cotas no ensino médio: investigando o acesso de jovens negros e negras ao Colégio Pedro II.** 2017. Tese (Doutorado em Ciência Política). Faculdade de Serviço Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira.” Brasília, 2003  
Disponível em: <https://planalto.gov.br> Acessado em 10 de março de 2022.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org). **Escritos de educação.** Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (Org.) **Sociologia.** São Paulo: Ática, 1983.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas – o imaginário da República no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CARDOSO, Tatyana Marques de Macedo. Narrativas de “choque” e “fascinação” no Colégio Pedro II. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, 15, 2014.

CERDERA, Cristiane Pereira; LIMA, Marcos Rodrigues Ornelas de. Construindo entendimentos sobre sexismo, homofobia e outras formas de opressão em *videogames*. In: CERDERA, Cristiane; REIS, Bruno. **Ouvi na Escola: Relatos Sobre Gênero e Diversidade no Colégio Pedro II.** São Cristóvão, 2017.

COLÉGIO PEDRO II. **CPII institucionaliza o fim do jubilamento**. Publicado no site do colégio em 2015. Disponível em: [www.cp2.g12.br](http://www.cp2.g12.br) Acessado em: 10 de setembro de 2021

COLÉGIO PEDRO II. **CPII extingue distinção do uniforme por gênero**. Publicado no site do colégio em 2016. Disponível em: [www.cp2.g12.br](http://www.cp2.g12.br) Acessado em: 10 de setembro de 2021

COLÉGIO PEDRO II. **Hino dos alunos do Colégio Pedro II**. Publicado no site do colégio em 2014. Disponível em: [www.cp2.g12.br](http://www.cp2.g12.br) Acessado em: 10 de setembro de 2021

COLÉGIO PEDRO II. **O Colégio Pedro II: contribuição histórica aos 175 anos de sua fundação**. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 2013.

COLÉGIO PEDRO II. **Projeto Político Pedagógico Institucional**. Rio de Janeiro, 2018.

COLÉGIO PEDRO II. **Portaria nº. 1.343/2015**. Extingue o instituto do jubilamento no âmbito do Colégio Pedro II. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 2015.

COLÉGIO PEDRO II. **Portaria nº. 2.449/2016**. Trata das Normas e Procedimentos Discentes acabando com a distinção do uniforme por gênero. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 2016.

COLÉGIO PEDRO II. **Portaria nº. 3.638/2019**. Aprova Normas e Procedimentos Discentes. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 2019.

COLÉGIO PEDRO II. **Recuperação paralela, CAIS e Napnes têm novidades em 2019**. Publicado no site do colégio em 2019. Disponível em: [www.cp2.g12.br](http://www.cp2.g12.br) Acessado em: 12 de setembro de 2021

COUTINHO, Gabriela dos Santos; ARRUDA, Dyego de Oliveira; OLIVEIRA, Talita de. A política de cotas nos segmentos da educação básica no Colégio Pedro II. **Educação e Sociedade**, 42, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES.254900> Acessado em: 10 de março de 2022.

COUTO, Isis Maria de Souto. A extinção do jubilamento no Colégio Pedro II. In: X SIMPÓSIO EDUCAÇÃO E SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: DESAFIOS E PROPOSTAS. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

FARAH, Adriane; ROSA, Patrícia. Refletindo sobre identidades e pluralidades no Colégio Pedro II: indo além dos estereótipos. In: CERDERA, Cristiane; REIS, Bruno. **Ouvi na Escola: Relatos Sobre Gênero e Diversidade no Colégio Pedro II**. São Cristóvão, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa**. 46ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ator de Ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Autores Associados. Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva.** 3ª edição. São Paulo: Autores Associados, 1989.

GALVÃO, Maria Cristina da Silva. **A jubilação no Colégio Pedro II: que exclusão é essa?** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

GALVÃO, Maria Cristina da Silva. **“Nós somos a história da educação”: identidade institucional e excelência escolar no Colégio Pedro II.** 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HERMES, Beatriz da Silva Amaro de Castro et al. Quem traz na pele essa marca: considerações sobre a inserção de estudantes afrodescendentes em uma escola tradicional. In: LIMA, Rogerio Mendes et al (Org). **Coleção o novo velho Colégio Pedro II**, v. 3, Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 2017.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

JULIO, Suelen Siqueira. Gênero e etnia no cotidiano escolar: reflexões para uma educação transformadora. In: CERDERA, Cristiane; REIS, Bruno. **Ouvi na Escola: Relatos Sobre Gênero e Diversidade no Colégio Pedro II.** São Cristóvão, 2017.

ORSO, Paulino José. Educação e luta de classes: concepções e propostas pedagógicas. In: BATISTA, Eraldo Leme; ORSO, Paulino José (Org). **Capitalismo, trabalho e educação em tempos de devastação neoliberal.** Marília: Lutas anticapital, 2019, p. 315-330.

PEÇANHA, Valéria Lopes. Não é normal, CP2: redes sociais e reivindicações estudantis no Colégio Pedro II. In: BODART, Cristiano das Neves (Org). **Sociologia escolar: ensino, discussões e experiências.** Porto Alegre: CirKula, 2018.

PEÇANHA, Valéria Lopes. **Sem temer: Demandas de gênero e sexualidade e deslocamentos na tradição do movimento estudantil do Colégio Pedro II.** 2021. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

PIO, Alessandra; BAPTISTA, Arthur. O núcleo de estudos afro-brasileiros do Colégio Pedro II: histórias de protagonismos negros. In: LIMA, Rogerio Mendes et al (Org). **Coleção o novo velho Colégio Pedro II**, v. 3, Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 2017.

PIO, Alessandra. **12 Anos de escolarização no Colégio Pedro II: acesso, permanência e equidade na trajetória de alunos negros**. 2020. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – PPGE/UFRJ, Rio de Janeiro, 2020.

PIO, Alessandra. Educação Básica e práticas escolares: uma jovem lei diante dos velhos racismos. In: CORENZA, Janaína de Azevedo (Org). **Práticas curriculares antirracistas – Temas em construção**. Rio de Janeiro, Wak Editora, 2021.

ROCHA, Luciana Lins; SIMAS, Rachel; VARGAS, Tatiana Prado. Implementando o Grupo de Estudos da Diversidade de Gênero no Ensino Médio: entre rupturas e persistências. In: CERDERA, Cristiane; REIS, Bruno. **Ouvi na Escola: Relatos Sobre Gênero e Diversidade no Colégio Pedro II**. São Cristóvão, 2017.

SANTOS, Beatriz Boclin Marques dos *et al*. **Memória histórica do Colégio Pedro II: 180 anos de história na educação do Brasil**. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 2018.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 43ª edição. Campinas, São Paulo. Autores Associados, 2018.

SILVA, Luana Gomes das; OLIVEIRA, Marcela Nascimento Luciano de. A abordagem do gênero e suas transgressões em uma escola. In: CERDERA, Cristiane; REIS, Bruno. **Ouvi na Escola: Relatos Sobre Gênero e Diversidade no Colégio Pedro II**. São Cristóvão, 2017.

SILVA, Verônica de Souza. **Jovens negros no Colégio Pedro II: ações afirmativas e identificação racial**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

## ANEXO A – QUESTIONÁRIO DISCENTE

### QUESTIONÁRIO DISCENTE – Campus Centro Pesquisa para o trabalho de fim de curso da Pós-Graduação em Ciências Sociais e Educação Básica

Olá, meu nome é Diego Vivas, sou estudante da pós-graduação em Ciências Sociais e Educação. Preciso de sua ajuda para finalizar o meu TCC, respondendo as questões a seguir.

Este é um documento anônimo, que deve ser respondido individualmente, para compreendermos a percepção dos estudantes acerca de suas trajetórias escolares no Colégio Pedro II. Responda as perguntas com sinceridade, pois as informações levantadas fornecerão um mapa para analisarmos a realidade da trajetória do corpo discente da escola. Obrigado!

#### A. Dados pessoais

1. Idade: \_\_\_\_\_ 2. Turma em 2020: \_\_\_\_\_
3. Gênero:
- a. ( ) Masculino c. ( ) Neutro  
b. ( ) Feminino d. ( ) Outro: \_\_\_\_\_
4. Como você caracteriza sua identidade / cor / raça / etnia:
- a. ( ) Branca d. ( ) Indígena  
b. ( ) Preta e. ( ) Amarela  
c. ( ) Parda f. ( ) Prefiro não declarar
5. Bairro, cidade e estado de seu nascimento:  
\_\_\_\_\_

#### B. Dados da moradia: responda considerando o local onde passa maior parte do tempo.

6. Bairro, cidade e estado de sua moradia atual:  
\_\_\_\_\_
7. Possui mais de um local de moradia? a. ( ) Sim b. ( ) Não
8. Marque as opções que se referem às pessoas que assumem o papel de seus responsáveis (Mais de uma opção pode ser marcada).
- a. ( ) pai b. ( ) mãe c. ( ) avô d. ( ) avó e. ( ) outros: \_\_\_\_\_
9. Quantas pessoas moram em sua casa além de você?
- a. ( ) Uma. d. ( ) Quatro.  
b. ( ) Duas. e. ( ) Cinco.  
c. ( ) Três. f. ( ) Outros: \_\_\_\_\_

10. Quantas pessoas descansam no cômodo onde você dorme?

- a. ( ) Somente eu. d. ( ) Além de mim, mais três pessoas.
- b. ( ) Além de mim, mais uma pessoa. e. ( ) Outros:
- c. ( ) Além de mim, mais duas pessoas.

11.1 Em casa, você tem um local tranquilo e exclusivo para os estudos?

- a. ( ) Sim. b. ( ) Não.

11.2 Fale um pouco sobre isso:

---

12.1 Tempo médio de deslocamento da casa para a escola:

- a. ( ) Até 20 minutos. d. ( ) Até 1h e 20 min.
- b. ( ) Até 40 minutos. e. ( ) Até 1h 40 min.
- c. ( ) Até 60 minutos. f. ( ) Outros:
- 

12.2 Tempo médio de deslocamento da escola para casa:

- a. ( ) Até 20 minutos. d. ( ) Até 1h e 20 min.
- b. ( ) Até 40 minutos. e. ( ) Até 1h 40 min.
- c. ( ) Até 60 minutos. f. ( ) Outros:
- 

13.1 Modo de deslocamento usado da casa para a escola (Marque as opções que usa com mais frequência):

- a. ( ) À pé. e. ( ) Ônibus.
- b. ( ) Motocicleta. f. ( ) Metrô.
- c. ( ) Carro. g. ( ) Outros:
- d. ( ) Van/kombi.

13.2 Modo de deslocamento usado da escola para casa (marque as opções que usa com mais frequência):

- a. ( ) À pé. e. ( ) Ônibus.
- b. ( ) Motocicleta. f. ( ) Metrô.
- c. ( ) Carro. g. ( ) Outros:
- d. ( ) Van/kombi.

### C. Informações sobre sua origem familiar

14. Qual é o nível de escolaridade da sua mãe? (Marque apenas uma resposta.)

- a. ( ) Não estudou. f. ( ) Ensino Superior incompleto.

- b. ( ) Do 1º ao 5º ano. completo. g. ( ) Ensino Superior
- c. ( ) Do 6º ao 9º ano. h. ( ) Especialização.
- d. ( ) Ensino Médio incompleto. i. ( ) Pós-graduação.
- e. ( ) Ensino Médio completo.

15. Qual é o nível de escolarização do seu pai? (Marque apenas uma resposta.)

- a. ( ) Não estudou. incompleto. f. ( ) Ensino Superior
- b. ( ) Do 1º ao 5º ano. completo. g. ( ) Ensino Superior
- c. ( ) Do 6º ao 9º ano. h. ( ) Especialização.
- d. ( ) Ensino Médio incompleto. i. ( ) Pós-graduação.
- e. ( ) Ensino Médio completo.

#### D. Informações socioeconômicas

16. Que pessoas são responsáveis pela renda de sua família? (Marque mais de uma opção se necessário.)

- a. ( ) Pai b. ( ) Mãe c. ( ) Avô d. ( ) Avó e. ( )
- Outros: \_\_\_\_\_

17. Quanto é, aproximadamente, a sua renda familiar mensal?

- a. ( ) Até 1 salário mínimo (R\$ 998,00).
- b. ( ) De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 998,00 até R\$ 2.994).
- c. ( ) De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.994 até R\$ 5.988).
- d. ( ) De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 5.988 até R\$ 8.982).
- e. ( ) De 9 a 12 salários mínimos (R\$ 5.988 até R\$ 11.976).
- f. ( ) De 12 a 15 salários mínimos (de R\$ 11.976 até R\$ 14.970).
- g. ( ) Mais de 15 salários mínimos (mais de R\$ 14.970).

#### E. Informações sobre o ingresso no Colégio Pedro II

18. Ano em que ingressou no Colégio Pedro II: \_\_\_\_\_

19. Campus onde ingressou no Colégio Pedro II: \_\_\_\_\_

20. Modo de ingresso no Colégio Pedro II:

- a. ( ) Sorteio. b. ( ) Prova c. ( ) Outros:
- \_\_\_\_\_

21. Caso tenha ingressado por prova, precisou de quantas tentativas para ingressar?

- a. ( ) Uma vez. b. ( ) Duas vezes. c. ( ) Outras: \_\_\_\_\_

22. De que modo se preparou para o ingresso no Colégio Pedro II? (Marque mais de uma opção se necessário.)

- a. ( ) Não me preparei. c. ( ) Através de curso preparatório.

b. ( ) Estudei sozinho  
particulares

d. ( ) Por meio de aulas

23. Antes de seu ingresso no Pedro II, estudava em que tipo de escola?

a. ( ) Privada.

b. ( ) Pública.

24.1 Ingressou na escola através de alguma modalidade cota?

a. ( ) Sim.

b. ( ) Não.

24.2 Se sim, qual modalidade de cota? \_\_\_\_\_

## F. Informações sobre a trajetória escolar dentro do Colégio Pedro II

25.1 Quais matérias você **mais** gosta? Marque até cinco opções.

a. ( ) Português.

j. ( ) Física.

b. ( ) Inglês.

l. ( ) Química.

c. ( ) Francês.

m. ( ) Biologia

d. ( ) Espanhol.

n. ( ) História.

e. ( ) Música.

o. ( ) Geografia.

f. ( ) Artes Visuais.

p. ( ) Sociologia

g. ( ) Educação Física.

q. ( ) Filosofia.

h. ( ) Matemática.

r. ( ) Nenhuma das opções.

i. ( ) Desenho Geométrico.

25.2 Em que matérias você tem os melhores desempenhos? Marque até cinco opções.

a. ( ) Português.

j. ( ) Física.

b. ( ) Inglês.

l. ( ) Química.

c. ( ) Francês.

m. ( ) Biologia

d. ( ) Espanhol.

n. ( ) História.

e. ( ) Música.

o. ( ) Geografia.

f. ( ) Artes Visuais.

p. ( ) Sociologia

g. ( ) Educação Física.

q. ( ) Filosofia.

h. ( ) Matemática.

r. ( ) Nenhuma das opções.

i. ( ) Desenho Geométrico.

26.1 Quais matérias você **menos** gosta? Marque até cinco opções.

a. ( ) Português.

j. ( ) Física.

b. ( ) Inglês.

l. ( ) Química.

c. ( ) Francês.

m. ( ) Biologia

d. ( ) Espanhol.

n. ( ) História.

e. ( ) Música.

o. ( ) Geografia.

f. ( ) Artes Visuais.

p. ( ) Sociologia

g. ( ) Educação Física.

q. ( ) Filosofia.

h. ( ) Matemática.

r. ( ) Nenhuma das opções.

i. ( ) Desenho Geométrico.

26.2 Em que matérias você tem os piores desempenhos? Marque até cinco opções.

a. ( ) Português.

j. ( ) Física.





---

---

43. Na sua visão, o que é preciso para ser um estudante bem-sucedido no Colégio Pedro II? Você considera que existe algum tipo de “padrão CP2”? Fale mais sobre isso.

---

---

44. Gostaria de mencionar algo a mais em relação às suas experiências dentro do colégio?

---

---

Data de preenchimento do questionário: \_\_\_\_\_